

Kambô, a Medicina da Floresta (Experiência Narrativa)

Texto baseado no original “Kambô, a Medicina da Floresta” Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP em setembro do ano 2000 sob a orientação da Prof. Dra. Cremilda Celeste Medina.

Cruzeiro do Sul, 2005

Introdução

O homem amazônico, o caboclo, é este ser humano admirável quem afinal lida com esta Natureza, com todas as dificuldades e limitações pertinentes a esta vida.

Vitoriosos, admiram a Natureza ao seu modo. Numa visão não apenas contemplativa e abstrata, como numa tela de cinema, mas participam desta Natureza onde estão presentes os odores e sabores da mata. No perfume da fava do cumaru, no gosto da carne do tracajá, nas cores do papagaio, no assovio do curió.

Talvez a alma cabocla se traduza também no caminho sinuoso dos rios, pois se não trazem o esperado, surpreendem a cada volta com o inusitado. As matas que suportam sol e tempestade também oferecem sua sombra refrescante. Do mesmo modo é o caboclo, acostumado à vida dura, oferece um porto seguro aos viajantes, com sua hospitalidade caseira e generosidade acolhedora.

Em meio a imensa Floresta do rio Liberdade no Vale do Juruá, nasce Francisco Gomes Muniz. Filho de Manoel, cearense que lutou contra os peruanos pelo Vale do Juruá¹, e de Margarida, índia, não se sabe de que tribo. O menino vai buscar *cocão*² na Floresta, para usar na defumação da borracha, e matar passarinho com baladeira para dar para a menina Davina, que os assava e comia. Aprende alguns segredos com os índios Kulina³ que também colhem borracha naquela região: andar na Floresta e colher frutos da mata, conhecer os tipos de árvores e suas propriedades, identificar os rastros de animais e a arte da espreita. Aquele povo o encanta, deseja de coração um dia ser índio também. A filha de um patrão lhe ensina, no seringal, as primeiras letras, com que lê o romance *Iracema*, do também cearense José de Alencar, que seu pai guarda consigo. O romance desperta no menino a vontade de conhecer aquele amor de índia, os lábios de mel e saliva que faz doce a *kaiçuma*⁴. Jovem, já trabalha no corte da seringa ajudando a aumentar a renda em casa. Fica com *olho* na mesma Davina que agora já é moça. Mas a moça é assim, meio carrancuda. Numa festa, o Chico ia

¹ Ver no Apêndice o resumo: Revolução Acreana: O Acre Setentrional.

² **Cocão**: Também conhecido como babaçu.

³ **Kulinas**: Há os Kulina pertencentes ao tronco lingüístico Arauá, também chamados Madija ou Madiha, localizados nos estados do Acre, Amazonas e no Peru, totalizando uma população de 3 mil; há também os Kulinas do tronco lingüístico Pano, com população de apenas 50. É mais provável que se trate dos primeiros. Fonte: Banco de Dados do Programa Povos Indígenas do Brasil - Instituto Socioambiental.

⁴ **Kaiçuma**: Bebida doce ou alcoólica feita a partir da macaxeira (mandioca). Também chamado de matchú.

puxando, mas ela não lhe dá atenção para o namoro. Chico acha Davina muito é *arrebitada*. Mas é não, é o jeito da moça mesmo.

Davina só quer saber de rapaz quando já está bem feito, não para começar. Deixava as outras namorarem primeiro. Depois que o Chico já vai criando barba, diz para si mesma - agora é tempo:

- Toda engraçada eu naquela época. Aí casei com ele. Fugi primeiro. Tava com 19 anos. O pai dele não gostava de mim, e o meu, tendo em vista isso, também não gostava que eu namorasse com ele. Mas eu gostava dele que só. Tanto que minhas colegas falavam assim: *Xí, tu vai se casar com ele, o Chico Gomes, esse homem, esse rapaz não presta não, ele só tem uma muda de roupa*. - Eu digo, presta sim, ele só tem uma muda de roupa, mas eu quero ele assim mesmo. Eu tô conhecendo ele assim mesmo, bem engraçadinho! Nunca gostei de tá abismada com homem com muita roupa, relógio de pulso, cordão. Ainda hoje passo isso para as minhas filhas: não procurem essas pessoas cheias de cordão não, porque não é por aí. Até que a sorte deu para mim, para ele mesmo. Só com uma muda de roupa. E ainda assim tá aí, uma pessoa que dá conta do recado, nunca me deixou passar necessidade. Só era namorador, mas eu agüentei com ele mesmo.

Assim é o começo da vida de casados no Seringal São José

Chico Gomes e Davina têm em comum algumas coisas, entre elas a habilidade de curar com ervas e rezas, uma herança, aliás, que Chico recebeu de seu pai e que com o tempo de prática vem se aperfeiçoando. Davina tornou-se parteira, ainda hoje alegra-se com a lembrança das crianças que trouxe à luz com suas mãos.

Apesar de pertencer ao estado do Amazonas, esta região do rio Liberdade é fortemente ligada ao Acre, devido à comunicação fluvial com o rio Juruá, da qual é afluente. A principal atividade econômica neste tempo ainda é a borracha, apesar de seu preço sempre em queda. Mas também se planta para a subsistência, se caça e se colhem os frutos da mata. A matéria-prima para a construção das casas e para os utensílios domésticos vem mesmo é da Floresta, como por exemplo a árvore do coité, que fornece um tipo de cabaça para se armazenar os alimentos ou até se usar como prato. Já os facões, armas e painéis de alumínio têm de vir de fora, geralmente através do regatão que os troca pela borracha.

Tendo somente um casal de galinha, Davina leva-o para a sua nova casa. Quando engravida, prepara-se para este filho plantando a cana, porque neste tempo não há leite, só o da mãe, por isso é que é com papa que se alimenta o bebê. A papa é feita da garapa de cana com massa de farinha. Pila-se a farinha e peneira-se, deixando-a bem fina, assim obtém-se a massa. A cana se bate com a marreta, espreme, ou então a passa na engenhoca. Para tirar a borra da garapa, coloca-se no fogo. Por último, põe-se folha de hortelã, para dar gosto à papa.

O Chiquinho já tá ficando mais taludo, mais forte; Davina já pode deixá-lo no quarto e pegar o *baldo*⁵ para ir colher seringa. Às vezes também corta as seringueiras de uns trechos da estrada. Fazia era trabalhar mesmo: o Chico sai para colher seringa e pede para Davina que invente lá alguma coisa, pra levar para ele na estrada. Quando ele está na estrada, Davina vai ao Igarapé, tem de pegar peixe, assar, para então levar por dentro da estrada. Nem se preocupava não, o Chico, que ele já sabia o tanto que Davina pegava aquele peixe.

⁵ **Baldo**: O mesmo que balde, na fala regional.

Com o baldo e o *caçoá*, Davina vai à Mata para juntar cocão; caçoá é aquela cesta de cipó, que os caboclos gostam de usar para carregar coco, coco Jaci, para defumar a borracha. Chegando em casa, Chico grita para Davina fazer o fogo no *buião*⁶, para defumar a borracha, e vai matar peixe no lago. Deixa Davina tratando da borracha, defumando. Às vezes ela também corta seringa, umas voltas de estrada.

De madrugada, Chico acorda, acende a *poronga*⁷ e caminha para a estrada; se benze antes de entrar na mata, pedindo a *Guarnição Divina* para aquele dia de trabalho. Tem também a *Mãe da Seringa* que é quem cuida da Floresta e pode ser generosa com o bom seringueiro, o humilde, o trabalhador, o bom pai e companheiro, o que também é generoso. Mas que também pode recusar a dar seu leite. Num tapete de folhas macias, Chico caminha; a Floresta é fria de madrugada, mesmo na Amazônia. Em noite enluarada é fácil de se assombrar. Por isso não se caça de sexta-feira, ou quando se está com a dispensa cheia: para não se assombrar. Uma réstia de luz na mata pode parecer uma visagem. Chico não é de se assombrar na Mata, porque para ele a Floresta é viva e responde do jeito que a gente trata Ela.

Até que o irmão mais velho de Chico, Alpiano, enviuvou. A mulher deixou quatro filhos.

Encontro com os Katukinas

Buscando melhores condições para criar os filhos, Chico, Davina e Alpiano iniciam uma fase de andanças pelos rios e igarapés do Acre e Amazonas. Em 1965 vão para o seringal Guarani, no Alto rio Liberdade, ainda mais isolado que o São José. Quem cuida das crianças deixadas pela esposa de Alpiano agora é Davina:

- Ave Maria, a gente criou o filho dos outros... Os meninos eram malcriados, quer dizer, uns, outros não. Meti a peia logo num, que era o mais velho, o mais impossível, aí criei mesmo como uma mãe, criei eles desde pequeno, tudinho, por que o pai deles só fazia era procurar alguma alimentação, o resto ele me entregava, e eu com meu Chiquinho.

No seringal se dá o nome de Antônio para o bebê, que nasce laçado, enrolado no cordão, que é para ele não se afogar. Por isso seu segundo filho recebeu este nome, e até hoje deu certo. Começa tudo de novo: ir para a praia do rio plantar feijão; quando dá vagem, apanha-se o feijão para levar para a estrada. No igarapé se pesca com a bolinha de *tingui*⁸, joga-a para os peixes e quando o peixe pula, pega. Davina deixa alimento para os meninos em casa e também leva para a estrada.

Alpiano vai mais para a fronteira, na colocação Tristeza⁹. Vem morar junto com eles no rio Gregório¹⁰. Depois de três anos, voltam de novo para o seringal Juventus, na fronteira do Igarapé Miolo, dentro da Floresta.

Em 69, se encontram com os Katukinas¹¹, ou os Katukinas os encontram. Eles vem chegando, chegando, fazendo casa, maloca e vão pedindo para cortar seringa. Outros

⁶ **Buião:** espécie de forno para defumação da borracha.

⁷ **Poronga:** lamparina de querosene feita a partir de latas de óleo. A poronga é quase sempre a única companheira do seringueiro durante sua faina noturna de corte da seringa, por isso mesmo tem um papel importante, quase mítico na sua cultura, pois clareia na escuridão da Floresta.

⁸ **Tingui:** Cipó cuja seiva, na água, tem a propriedade de asfixiar o peixe, obrigando-o a vir respirar na superfície.

⁹ **Colocação:** Como são chamados os estabelecimento de seringueiros na floresta, quando mais isolados.

¹⁰ O rio Gregório, assim como o Liberdade, também é afluente do Juruá, que por sua vez é afluente do Solimões.

seringueiros têm medo e alertam Chico e sua família, dizem que índio não presta, que enfeitiça, que põe veneno na comida, mas nada disto desanima Chico, que se vê próximo de realizar o sonho de menino, de um dia ser índio.

Agora o casal já tem o Chiquinho, o Antônio, a Raimunda, o Almir, pequeno, depois nasce o José, na aldeia. A parteira dele é uma cabocla mesmo. É criado com os índios, na língua deles:

- O José não sabia nem que chamava cabeça, era *mapu*. Era a coisa mais interessante, que ele chamava *mapu*. Tudo ele já dizia, na gíria. Veado, ele dizia: *tiachô*.

Com o tempo, os índios fazem um grande roçado, cada qual planta a sua roça e esse roçado emenda um com outro, crescendo, indo mais à frente na Floresta. De tudo eles plantam, e também caçam. Assim é construída a aldeia, como uma cidade de índios. Gostam de fazer coivara e jogar em cima as palhas em brasa, para ver quem quer mesmo ser amigo deles, quem continua na aldeia deles, que agüente a queimadura, ou então abaixam as calças e deixam as pessoas nuas. Numa dessas, rasgaram uma calça do Chico, de mescla, novinha, e deixaram ele nu. Mas ninguém disse nada. Davina mesmo não diz nada, porque já conhece as brincadeiras de índio, eles fazem essas coisas para ver quem continua amigo deles. Outro teste é andando na mata, cada mulher se agarra na cintura do seu marido e um índio vai na frente, flechando. Chico e Davina não têm medo porque já estão acostumados. O que vai na frente flecha o casal que vai atrás, mas a flecha não pega não que eles sabem um jeito de flechar que não atinge, passa por cima. É interessante... Sempre cantando o *Mereré*¹² deles. Na maloca já tem um baldo cheinho de *matchú* azedo, parece cachaça. Tem que beber até vomitar porque quem não vomita não vê o outro mundo, ou o outro ano. É ciência de índio e quem sabe dela é índio. O *matchú* é feito da macaxeira, eles cozinham insosso, depois bate com uma pá ou uma colher de pau, aí machuca, machuca e bota um pouco na boca, daí a pouco coloca dentro da panela que está com toda a macaxeira. No momento que termina é doce, quem bebe jura que é colocado açúcar. Para Chico, é justamente a saliva doce das índias que dá este gosto doce no *matchú*

Mas depois, no dia seguinte, azeda e embriaga, como certas paixões.

Os meninos se criam com os Katukinas, bebendo *matchú* doce; o Chiquinho e o Antônio saem para caçar, ainda pequenos. O Chiquinho é corajoso, mas acredita em tudo. Sabedor disso, um dia o Antônio pega dois paus, faz umas marcas na terra e diz:

-Olha lá, acolá, rastro de *tiachô*!

E o Chiquinho vai atrás, passa um tempão procurando o *tiachô*, em vão. Em casa, só depois, é que o Antônio, rindo, conta a sua arte.

¹¹ **Katukinas:** Há os Katukina Pedá Djapá, de língua katukina, localizados no Amazonas e de população de 250, e os katukina Shanenawa, do tronco lingüístico Pano, localizados no Acre, de população 400. Fonte: Banco de Dados do Programa Povos Indígenas do Brasil do Instituto Socioambiental. Os Katukinas, assim como muitas outras tribos da região amazônica, dedicavam-se à extração da seringa como já faziam antes dos brancos, daí ser relativamente comum os encontros entre seringueiros caboclos e índios.

¹² **Mereré:** Festa de dança indígena praticado por muitas tribos da região; também aparece sob o nome de Mariri, que é o nome dado ao cipó **Banisteriopsis caapi** utilizado no preparo do Vegetal.

Num outro dia, caçando na Floresta, ouvem um grito desesperado de um Bugio, que está preso nas asas do Gavião Real¹³. Com a espingarda, Antônio derruba o gavião e na queda morre também o bugio. De ponta a ponta, a asa é maior que um homem. Assam ambos, macaco e gavião.

Chico Gomes nesta altura já é Shimbam, para os Katukinas. Já comeu no prato deles, ganhou confiança. Para Chiquinho, o mais velho, dá para ele comer cabeça de macaco, para ficar mais rápido, e para o Antônio, que não pára, dá cabeça de jabuti. Os meninos voltam, umas tantas vezes, com o couro de onças maiores que eles nas costas, *Gamã Toná* e *Gamã Anipã*¹⁴. Partilham dos hábitos, das festas, da língua e da religiosidade dos Katukinas.

Hoje é noite de *Mereré*, alguns chamam de cinema de índio; as índias varrem todo o chão da aldeia para ficar bem limpinho; quando chega o luar, o chão fica prateado. Davina também participava do ritual:

- Naquele tempo a gente bebia o *Vegetal*¹⁵, batia o cipó, eles só não faziam era coar, era com bagaço e tudo, a gente tinha era que chupar na boca aquele bagaço do cipó. Eu bebia o copo cheinho e cantava o *Mereré* junto com eles, eu entendia tudo que eles diziam na *gíria*¹⁶. A *burracheira*¹⁷ ensinava tudinho.

Na burracheira não há trevas não, é tudo luz, mesmo à noite se enxerga como se fosse dia, e aquele Encanto... O Pajé chama a Força, Força da Natureza mesmo, e os Encantos. Numa dessas noites de mereré, Shimbam vê uma cidade, nunca tinha visto uma cidade com os próprios olhos: de repente olha a aldeia e ela tá virada numa cidade branca, uma construção reta e outras redondas, parece coisa do outro mundo.

Dia de caça, dia de caçador

Certo dia, Shimbam está com dificuldade para pegar caça. O Pajé, de nome Tobias, diz que tem um medicamento extraído de uma rã, de nome *Kambô*¹⁸, que é bom, porque traz a felicidade para se pegar caça. O Pajé faz este convite e Shimbam aceita, toma o Kambô na maloca dele e tem uma reação muito forte. O Pajé pede que repouse, que não vá caçar naquele dia. *Panema*: dificuldade de pegar caça. É um nome dado

¹³ **Bugio:** *Alouatta seniculus*, primata da família dos Cebídeos, também conhecido como macaco Guariba, é um dos maiores primatas das Américas. É conhecido por seu grito muito forte. **Gavião Real:** *Harpya harpya*. Maior ave de rapina amazônica.

¹⁴ Respectivamente: Onça Vermelha, Sussuarana ou Puma (*Felix concolor*); Onça Pintada ou Canguçu (*Panthera onca*); na língua katukina.

¹⁵ **Vegetal:** Conhecido também por **Aywaska, Hoasca, Daime, Tsimbú, Raminú** e outros nomes, dependendo da tribo ou religião que faça uso dele. É objeto de pesquisa antropológica e farmacológica; considerado por muitos pesquisadores como uma bebida **enteógena** (que faz entrar em contato com o "ente"), o que é diferente de alucinógena. Seu uso é difundido entre os índios do Peru, Bolívia, Brasil, Equador, Colômbia e Venezuela, na região amazônica destes países. Também é utilizado entre os brancos pelo **Santo Daime** e pela **União do Vegetal**, ambas religiões fundadas por seringueiros. É preparado com o cipó **Banisteriopsis caapi** e a folha **Psycotria viridis**.

¹⁶ **Gíria:** Na verdade se trata da língua katukina do tronco Pano. Observação: muitas palavras da língua katukina não apresentam nem a grafia nem a fonética correta pois foram fruto de um contato há mais de quarenta anos.

¹⁷ **Burracheira:** Nome dado ao estado alterado de consciência proporcionado pela ingestão do Raminú.

¹⁸ **Kambô:** *Philomedusa bicolor*. Objeto de pesquisa, seu efeito é estudado sobretudo para medicamentos cardíacos.

pelo índio, mas que o caboclo e o branco já conhecem. No dia seguinte, Shimbam sai para caçar e encontra a caça, logo cedo. Quando se toma o Kambô, a caça se aproxima, curiosa, do caçador; dizem que quem o toma emite um tipo de luz verde, e que é isso que faz a caça se aproxime.

Daquele dia em diante Shimbam quer aprender mais sobre a rã, estudá-la, conhecer o seu berro, que é diferente de todas as outras rãs da Floresta. Aprende a colher a substância, o que é feito sem machucar a rã, no tempo certo, na Lua certa. Em seguida ele mesmo aplica no Chiquinho, que estava amarelo, com verminose; os índios dizem que é bom para isso também. O menino caga bastante, botando para fora toda aquela verminose. Depois de dois meses Chiquinho já não têm mais verme algum e começa a se desenvolver, seis meses depois ele já está bem saudável. Começa então a aplicar nos seus amigos, outros seringueiros, tanto para tirar panema quanto para a saúde.

Na noite de Mereré o Pajé distribui o *Raminú*¹⁹. Pega a cuia e assopra dentro dela, depois dá: assim é o ritual deles, tem que beber tudo. A Força vem chegando e a burracheira se apresenta. Os ancestrais estão presentes: *Tuxauas*²⁰ e Pajés antigos mostram para Shimbam que ele deve ser o próximo Tuxaua da tribo, e seu irmão Alpiano, o Pajé. Mas antes precisam passar pelos testes: o Tuxaua tem de demonstrar coragem o tempo todo, sem vacilar. No teste da coivara, é passada a palha em fogo pelo corpo sem que possa se desligar das mãos dos outros membros da tribo. Para o Pajé, é ainda mais difícil, tem de provar todos os medicamentos antes de receitá-los, deve ser o responsável pela saúde de toda a tribo e receber os ensinamentos médicos dos espíritos dos Pajés ancestrais. Ambos passam pelos testes e, a partir daí, vêm conhecendo a ciência do índio: como manter a saúde e a harmonia entre os membros da tribo, funções respectivas do Pajé e do Tuxaua.

Tratam de conhecer cada árvore, planta, animal, seus hábitos e propriedades de cura, e também as histórias dos Katukinas. Eles contam do *Mapinguari*²¹, o selvagem, um bicho peludo e fedido, com garras de bicho-preguiça e que anda em dois pés. Muitos caçadores falam que já viram o rastro do Mapinguari, também conhecido como “mão-de-pilão”, por causa das marcas que deixa.

Caçadores *cariús*²² temem o Mapinguari, que pode se vingar de caçadores ambiciosos, já os Katukinas não o temem, pois para eles trata-se de um Pajé daqueles que nunca comeram sal e que quando é chegado o tempo de morrer, se isola da tribo, vai para a mata e começa a se alimentar de folhas e cascas de árvores. Os cabelos crescem até cobrir o corpo inteiro, menos a testa, daí muitos pensarem que seja o seu único olho, tal qual um ciclope. Matar um Mapinguari adulto é praticamente impossível, pois seu couro é tão grosso que mesmo o chumbo do cartucho não pode penetrar-lhe na carne.

Cruzeiro do Sul

¹⁹ **Raminú:** o “R” pronuncia-se como se estivesse no meio de palavra.

²⁰ **Tuxaua:** O mesmo que Cacique, chefe temporal da tribo. Tuxaua pode ser, contudo, também o nome dado para aquele que entre os seringueiros é o campeão na colheita da seringa; não é esse o caso.

²¹ **Mapinguari:** Os relatos de encontros com o lendário mapinguari são muitos, sua descrição me pareceu semelhante à do lendário “pé-grande”. Alguns paleontólogos acreditam se tratar do bicho-preguiça gigante, considerado extinto. Faz parte da cultura indígena e cabocla do Acre e Amazonas.

²² **Cariús:** Como os katukinas chamam os não-índios.

Cinco anos se passam e é chegado o tempo em que os katukinas vão embora. Chico Gomes e sua família ficam sós de novo. Depois vão embora também, de volta para o baixo rio Liberdade, no Seringal São José, onde nascem mais dois, Antônia e Evanir. Davina ainda hoje sente saudade dos índios:

- Gostava de morar perto deles. Agora não sei mais a gíria, esqueci, não sei por que. A gente quando sai da aldeia deles... Acho que se voltasse de novo pro lado deles, beber Vegetal, ainda acompanhava a gíria deles. Hoje em dia só tem três daquela época, os outros já morreram. Agora é o Bahia, o Migueira, o Migueira não, que o Migueira também morreu. Você não se lembra não, ainda não viu? Ainda vou me lembrar, quando lembrar te falo.

No São José vão mais para dentro, no Igarapé Puru, próximo de onde nasceram e se criaram, onde se conheceram, namoraram e casaram-se. Chico ainda aplica o Kambô, mas apenas na família, os filhos crescem fortes e saudáveis. Chiquinho se casa com Angelita e Antônio com Francisca, que são irmãs. Neste tempo a borracha já perdeu quase todo o seu valor e muitos estão abandonando a seringa para se dedicarem à agricultura, outros ainda vão tentar a sorte na cidade. Em 1980, Chico Gomes e sua família mudam-se então para as redondezas de Cruzeiro do Sul. É a primeira vez que vêem uma cidade com os próprios olhos. Instalam-se primeiro na propriedade de outro, mas há abundância de terras, que estão sendo distribuídas pelo INCRA. Um funcionário lhes oferece uma terra, o Sítio Diamante, desde que construam sua casa e façam um roçado.

Chico, Davina e os filhos trabalham muito rápido para conseguir a terra. Quando o funcionário do INCRA chega, a macaxeira já está toda plantada e a casa pronta. Ganham a terra e nela se instalam. No mesmo ano nasce Josete, a caçula. Neste tempo Chico faz parte do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e conhece muitas pessoas, algumas de Rio Branco, e um xará seu, vindo de Xapuri, de sobrenome Mendes. Quando começam a morrer alguns líderes e Chico deixa a política de lado, deixa de lado também parte do seu conhecimento indígena. Já não aplica mais o Kambô, porque na cidade ninguém se interessa pela “medicina de índio”, mas ele mesmo e a família raramente vão ao médico da cidade, e nestas poucas vezes os médicos lhe perguntam sobre o que faz as pessoas de sua família tão fortes. Usam a casca do Jatobá, da Maçaranduba, do Pau d’Arco, do Apuí, e tomam Kambô com regularidade, mantendo boa a saúde. A renda é curta e na cidade os gastos aumentam. Chico também faz pequenos móveis para vender e pega serviços de carpintaria. Mesmo tão próximo da cidade, de vez em quando ainda matam algumas onças, da a pintada ou da a *maçaroca*²³, vermelha com a ponta do rabo branca. Todos trabalham, até os mais novos, colhendo café, descascando macaxeira, fazendo roçado.

Iniciam-se as obras de construção da BR 364 que deverá ligar Cruzeiro do Sul a Rio Branco e o barulho das máquinas atrai a atenção dos katukinas. Antônio se lembra deste tempo:

- Chegaram perto para ver as máquinas, isso para eles era uma novidade porque dentro da Floresta só de tempo em tempo é que passava um avião; então foram se chegando e viram o pessoal todo fardado do exército, com aqueles uniformes, coturnos e fuzis, foram vendo os caminhões, até que se mudaram para a margem da rodovia em construção, onde estão até hoje.

O velho pajé Alpiano decide que vai a Rio Branco, a pé, leva um ano nesta viagem, parando e trabalhando por comida e pousada. Até que chega e se instala num bairro da

²³ **Maçaroca:** Uma subespécie da Onça Vermelha (*Felix concolor*), de tamanho maior, famosa por seus saltos acrobáticos.

cidade, onde vive ainda hoje. No Sítio Diamante os filhos vão fazendo morada e Chico também vende pequenos lotes de terra, para amigos e conhecidos, por cerca de R\$200,00 cada. O sítio acaba se tornando uma pequena comunidade de parentes e amigos.

Em 1994, Shimbam e um amigo da cidade, o Murad, vão visitar a aldeia dos katukinas, na beira da BR. Shimbam fala das plantas medicinais que conhece e também do Kambô, que serve para tirar a panema. Serve para tirar a panema e também desentope veia do coração, se tá difícil pro caboclo arrumar namorada, casar...

Coisas do Coração

O Murad estava separado da mulher fazia já algum tempo, e não conseguia arrumar namorada. Se interessa pela vacina e Shimbam aplica nele. É a primeira pessoa da cidade na qual ele aplica. Com o coração desentupido, começa a namorar uma moça e logo se casa com ela, uma pessoa bem legal. Além disso, a vacina faz com que se sinta bem de saúde e disposto.

O seu Adamir de Rio Branco é outra pessoa que tem um problema muito sério no coração, e também é diabético. Os médicos recomendam que faça um cateterismo, para desentupir a veia do coração. Quando ouve a história do Murad resolve ir a Cruzeiro do Sul tomar a vacina. Adamir diz que se a vacina der certo, dará um bilhete de passagem ao seu Chico para que ele vá a Rio Branco aplicar a segunda dose. Quando retorna aos médicos, estes refazem os exames e dizem que não precisa mais do cateterismo, pois a veia do seu coração já está desentupida. Quinze dias após a aplicação, Adamir liga e pede que consiga uma quantidade de vacina para aplicar em mais quinze pessoas em Rio Branco.

Em 1994, o Doutor Glacus de Souza Brito viaja a Cruzeiro do Sul, para fazer um trabalho na área de saúde a pedido do então governador do Acre, Orleir Cameli. Lá toma conhecimento que o seu Francisco havia feito uma inoculação do Kambô num rapaz amigo seu, o Murad, que as pessoas tinham percebido modificações nele e que tinha, inclusive, começado uma vida conjugal. Conversando com ele, Glacus descobre que Murad praticamente curou-se de uma sinusite crônica e, como estava em Cruzeiro do Sul, pediu ao seu Chico que lhe fizesse uma inoculação.

Brito recebe a aplicação e logo em seguida retorna a Rio Branco. Tem uma sensação de bem estar muito grande e fica sem entender o porquê daquelas reações que se apresentaram. Depois, mais algumas aplicações: toma primeiro cinco pontos, depois sete e por final nove pontos.

Agradeço aos homens da medicina e ao Senhor do Bonfim

No mesmo ano, Chico passa a sentir dores no estômago que aumentam cada vez mais, dificultando seu trabalho. Claro que busca nas plantas um alívio para estas dores, mas elas voltam e com intensidade cada vez maior. Procura os médicos de Cruzeiro do Sul, mas na cidade não existem os exames necessários para o diagnóstico. Vai a Rio Branco e lá passam a tratar o problema como se fosse de fígado, mas as dores persistem e seu estado de saúde vai ficando debilitado. Neste tempo, muitos amigos de Cruzeiro do Sul, pessoas com mais condições financeiras, passam a ajudar sua família e pagar os gastos com o tratamento. Os médicos de Rio Branco não conseguem encontrar uma solução para seu problema de saúde, então alguns amigos decidem mandá-lo direto a São Paulo. Dr. Glacus faz os contatos necessários para a operação. Em São Paulo é operado rapidamente, mas passa muitos dias em recuperação. O

Murad é quem fica mais tempo ao seu lado, até que possa voltar para Cruzeiro do Sul. Apesar do problema resolvido, seu estado de saúde ainda é preocupante. Os médicos lhe recomendam uma série de dietas e repouso e fixam um longo prazo de recuperação.

De volta a Cruzeiro do Sul, Chico fica pensando se o Kambô poderia ajudá-lo a se recuperar. Ele mesmo ainda não o havia testado em casos como este. Não sabia quais poderiam ser os resultados e receava por seu estado de saúde. Os mesmos amigos que já haviam tomado Kambô o incentivam e ele resolve aplicar o Kambô em si mesmo, juntamente com o uso de plantas medicinais que conhece. Chico vai se cuidando e a sua recuperação surpreende a todos, até a si mesmo. Resolve também que jamais irá se descuidar de sua própria saúde. Sabe que ela depende de muitas coisas, principalmente do jeito de levar a vida, do equilíbrio entre o tempo destinado ao trabalho e à família, e também a si mesmo. O episódio fez aumentar a confiança no Kambô, e saber que não serve apenas para tirar panema, mas que realmente tem um efeito muito positivo no organismo.

Daquele dia em diante, Chico começa a aplicar a vacina na sociedade. Faz contatos em Porto Velho, e em Cuiabá, onde aplica em cerca de cinquenta pessoas. Acaba chegando até São Paulo para aplicar a vacina, a convite do Doutor Glacus.

O reconhecimento da medicina

Glacus de Souza Brito além de médico e clínico geral é também um investigador na área de doenças infecciosas. Como médico geral de família, utiliza nos tratamentos a homeopatia, a *oligoterapia* francesa²⁴ e a fitoterapia amazônica. Nos anos seguintes, passa a estudar também o Kambô, mas a falta de recursos laboratoriais limita sua pesquisa a um estudo empírico. Torna-se ele mesmo um sujeito deste estudo. O fato de testar em si mesmo vem de sua visão etnobotânica. De acordo com esta visão, as plantas e substâncias da Floresta devem ser estudadas a partir do contexto cultural do seu uso.

O relato que Brito conhecia sobre o Kambô era de uma experiência centenária do seu uso entre os índios, com o objetivo de espantar a panema. Pela experiência de Chico Gomes, Brito sente confiança de fazer a inoculação com ele. A experiência de Brito, bem como de outros médicos, vai atraindo a atenção de membros da comunidade médica, bem como de pessoas interessadas em alternativas à medicina convencional.

Chico Gomes é convidado a aplicar a vacina em outras cidades e, sempre que retorna, as pessoas lhe cumprimentam pelo efeito positivo que receberam com a vacina. É convidado a ir a Brasília, também para aplicar a vacina, e lá, finalmente, conhece a misteriosa cidade branca que vira nas mirações de Raminú, na Aldeia dos Katukinas.

A fama de seu Chico se espalha até fora do País. Através de Kaleb, um estadunidense que chegou a morar em Cruzeiro do Sul, Chico Gomes recebe em sua casa a visita de cinco pessoas dos EUA, entre eles um médico. O médico toma a vacina para efeito de estudo e terminada a reação ele afirma que, pelos seus conhecimentos médicos, acredita que ela poderia ser eficaz no combate à AIDS, pois atua como um reforçador do sistema imunológico.

²⁴ **Oligoterapia:** Tratamento que se baseia na reposição de minerais essenciais para uma maior regulação funcional do organismo. É considerada também uma medicina alternativa, embora na França já esteja tão difundida a ponto de haver Hospitais e Centros Médicos utilizando-se de seus princípios.

Em Fortaleza, Chico é chamado para aplicar a vacina em um grupo de quinze médicos. Eles estudam a vacina durante alguns dias, mas não conseguem chegar a uma conclusão científica. Dizem apenas que sua eficácia é comprovada no tratamento de sinusites, enxaquecas, inflamações no fígado, estômago e intestino, e problemas circulatórios. Brito recomenda a vacina às pessoas de sua família. Sua mulher, por exemplo, sofria de uma enxaqueca crônica e de fortes dores na perna também. Depois de tomar o Kambô, estes problemas somem, inclusive uma sinusite crônica. O seu cunhado, que estava incubando uma gripe bem forte, com muita dor de cabeça, também tomou o Kambô. Durante o efeito agudo teve uma reação muito forte, muitos vômitos, uma espécie de limpeza; passadas duas horas, os sintomas haviam sumido completamente e não houve evolução no estado gripal. Tudo isto foi chamando a atenção do médico.

Enquanto Brito faz um acompanhamento do efeito da vacina nessas pessoas, pesquisadores estrangeiros obtêm acesso à rã e à vacina através dos índios ou de comunidades isoladas e a levam para o exterior para estudá-la. Brito procura também valorizar o trabalho do seu Chico, pois conhece a luta do homem amazônico, sabe de suas dificuldades e sabe também do valor da vacina.

Houve um interessante caso em que alguns alemães levaram exemplares da rã viva e criaram-na em cativeiro, colheram a substância do modo indicado, inocularam-na e não houve nenhum resultado, nenhuma reação. Chico acredita que seja porque não há a presença da Floresta, não há o alimento típico dela, e também porque o Sol não é tão forte. Pesquisadores e curiosos acreditam também que isto se deva à alteração no ciclo reprodutivo da rã.

Para Brito o efeito da substância no organismo em termos médicos é uma reação infra-médio simpática, com estimulação do sistema nervoso simpático e depois uma estimulação completa do sistema nervoso parassimpático. Como se o organismo fosse passado a limpo em verso e reverso, num tempo de cinco minutos, algo incrível. As substâncias presentes na vacina devem ter um processo bioquímico de interação orgânica de estimulação e inibição seqüencial, onde, a partir do momento são estimulados certos receptores orgânicos, acontece um processo de inibição de outros centros. Por isso a mudança rápida do sistema de ação.

Dias de Luta

Só depois de muito tempo fui entender aquele homem; eu queria ouvir muito, mas ele me disse pouco.

Quando se sabe ouvir não precisam muitas palavras; muito tempo eu levei para entender que nada sei, que nada sei.

Só depois de muito tempo comecei a entender; como será o meu futuro como será o seu. Se meu filho nem nasceu, eu ainda sou um filho, e se hoje canto esta canção, o que cantarei depois... cantar depois.

Só depois de muito tempo comecei a refletir nos meus dias de paz, nos meus dias de luta. Se sou eu ainda jovem passando por cima de tudo e se hoje canto esta canção, o que cantarei depois... cantar depois.

Dias de Luta
Edgar Escandurra (IRA!)

Leandro Altheman Lopes nasce em São Paulo e cria-se em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. De volta a São Paulo, não se adapta com a metrópole. Sente tristeza

nos fios elétricos com os esqueletos de pipas, pois parecem mortas, as pipas, como sonhos de um menino. *São Paulo não é lugar para meninos sonharem*. A adolescência é terrível; briga, apanha, bate, até que foge uma fuga bem planejada: vai para a Marinha, em Angra dos Reis, estudar no Colégio Naval. Lá também foge, por dentro das matas, mais pelo prazer de andar naquelas matas do que para chegar em algum lugar. Tem algum talento para a coisa, tanto que passa a conduzir os amigos por aqueles caminhos, muitas vezes sem lanterna, que é para o sentinela não enxergar. Gosta daqueles caminhos, se sente bem, vivo. Numa noite de Lua Cheia, vê o mar de dentro da mata: a prata nos barcos dos pescadores e o canto do bacurau; o marulho das ondas e o perfume da mata, com o vento embalando as árvores. Naquele momento se percebe feliz.

Aos dezoito está de volta para São Paulo, para fazer cursinho para a Faculdade. Estranha de novo a cidade, novamente não se adapta. Não entende as pessoas, tampouco a si mesmo. Não encontra mais aquele companheirismo dos tempos do Colégio Naval. A cidade corre, ninguém tem tempo nem para si mesmo, quanto mais para os outros. Se angustia com isso, um sufoco vai crescendo dentro, tomando conta, apertando a garganta, o peito, o coração. Quer crescer, viver, mas não sabe como, não vê saída. Parte para o álcool e as drogas, até o limite do corpo e da mente. Também lhe dizem que é esquizofrênico, quase um louco. Na virada do ano de 1993 para 1994, adoece do corpo e da mente, se encolhe dentro de si mesmo: parece que não vai resistir.

Numa tarde fria e cinzenta sai para andar, algo lhe chama para andar. O vento frio nas narinas lhe desperta. Vê uma saída: andar. Assim, anda todos os dias, de preferência onde haja um pouco de Natureza. Nas poucas áreas verdes da cidade encontra refúgio, repousando próximo de árvores. Dentro de si algo muda, se transforma: vontade de viver já existe. As andanças equilibram a mente, por isso anda por toda a cidade, de dia e de noite durante todo o ano de 1994. Com isto conhece os subterrâneos de São Paulo: o cheiro de urina e fezes humanas de quem vive a desumana condição de morar debaixo dos viadutos da cidade. Mas é perto das árvores que se sente acolhido. Andando, percebe mais a si mesmo, não quer mais se entregar, agora quer lutar, viver. Volta a sonhar e agora sabe que tem de viver perto da Natureza, para se equilibrar. Em 1995 decide radicalizar, viver como índio, se afastar da chamada civilização: *cárcere do homem*. Vai até o estado do Mato Grosso, em busca dos Xavantes²⁵. Mas não os encontra, não conhece o caminho e se perde na Mata. Encontra espinhos, fere o corpo com eles, mas ainda assim é melhor que esmorecer.

Volta para São Paulo, mas agora tem uma meta. Finge ser paulista durante uns anos, trabalhando. Um Feliz Aniversário, envelhece na cidade: Resistência e Sonho. Enquanto isto, cabeça vai pesando sobre o corpo.

Continua buscando a Natureza, agora mais longe, nas estradas, ampliando mais o horizonte. Chega até as remanescentes Araucárias do Estado de São Paulo, na Serra da Bocaina. Quer se integrar à Natureza, mas está cada vez mais difícil. Aonde vai, leva a turbulência da cidade, aquela agitação contínua aonde quer que vá. Numa destas agitações, deixa escapar o gás do fogareiro onde acampava, no meio da mata, e pega fogo. Passa perto da morte, mas pede Forças para sobreviver e recebe. Em São Paulo continua trabalhando, juntando seu tesouro e sonhando com a ilha, mas a saúde se debilita dia após dia.

²⁵ **Xavantes**: Entre si se denominam **Akwen, Awen ou Akwe**. Suas aldeias estão localizadas no Rio das Mortes, Mato Grosso, com população estimada em 7.100. Fonte: Banco de dados do Programa Povos Indígenas do Brasil - Instituto Socioambiental. Para os Xavantes, o **sonhar** depende de se comer carne de caça, daí a importância desta atividade.

No ano de 1998 conhece Brito. A conversa entre os dois sempre envereda pelos caminhos da Amazônia, o poder da Floresta e do novo paradigma que está surgindo: a saúde cada vez mais relacionada com o bem-estar emocional, e até mesmo espiritual. No mesmo ano conhece Antônio da Silva Gomes agora que mora em Araçariguama, estado de São Paulo. Frequenta sua casa, gosta do seu jeito simples e espontâneo, raro na maioria dos paulistanos. Também lhe confia suas dúvidas, amarguras, e sonhos. Sonho de conhecer a Floresta, de viver de modo mais simples, mais próximo da Natureza e de ser também mais natural. Antônio lhe fala de seu pai, da vida que levavam na Floresta:

- É, Leandro, você precisa conhecer o Pai!
- Um dia eu vou, Antônio!

Antes dele ir, Chico Gomes, o homem da Floresta chega na megalópole de São Paulo, visitando filhos e netos e também aplicando a vacina. Brito é quem fala a Leandro da vacina: tem de ser aplicada de manhã bem cedo, em jejum. O local onde estão sendo realizadas as aplicações é um pequeno chalé em um sítio em Araçariguama.

Um colchonete no chão e um sofá onde está sentado um homem, um paciente está com a manga da camisa arregaçada e no seu braço vêem-se os sete pontos do Kambô. Ao seu lado está sua esposa com uma das pernas da calça erguida e nela se vêem os cinco pontos do Kambô²⁶. Ambos estão com a face bem corada. De repente, o paciente levanta e vai ao banheiro, a passagem está livre, a porta está aberta. Ouvem-se os vômitos, mas nada disso assusta, são os efeitos da vacina mesmo, conforme já haviam lhe explicado.

Lá está um homem de fala macia, sorridente, olhos negros bem brilhantes, cabelos grisalhos e jeito de menino:

- Entra, meu amigo!
- Vim tomar a vacina.
- Você já tomou?
- Não, é a primeira vez.
- Então são sete pontos.

O instrumental está em cima da mesa. Chico mostra uma palheta de madeira com uma substância cristalizada sobre ela, uma espécie de pequeno galho, que na verdade é um cipó, de nome *titica*, usado também para fazer vassouras. Há também uma pequena xícara com água e um canivete. Faz questão de dizer que é um medicamento totalmente natural extraído de uma rã e que não passa por nenhum tipo de manipulação química.

Chico Gomes lhe dá um copo cheio d'água. O paciente bebe e arregaça a manga da camisa. Chico põe fogo no cipó *titica*²⁷, que tem o tamanho de um dedo e a grossura de um incenso. Encosta o cipó em brasa na pele e faz uma pequena bolha, praticamente indolor; faz isto repetidas vezes, até que se completem os sete pontos. Retira a pele queimada e com isto abre um local para a inoculação da vacina. Pinga algumas gotas d'água na palheta, com o que dissolve a vacina cristalizada. Com o canivete, retira uma

²⁶ De acordo com o que seu Chico aprendeu com os katukinas, a aplicação nas mulheres é feita nas pernas para se evitar o risco de hemorragia no caso de a mulher estar menstruada, ou próxima do ciclo. Segundo ele, o Kambô também teria propriedades abortivas, por isso mulheres grávidas não podem tomá-lo.

²⁷ **Titica:** Seu Chico conta que o cipó *titica* nasce das patas e das costas da formiga *tucandeira*, que se ferra no alto de uma árvore e então as sementes que estão em seu corpo germinam. A **tucandeira** é usada por muitas tribos no ritual de passagem para a idade adulta, daí as festas de *tucandeira*, comuns em toda a região amazônica.

parte do medicamento que têm a aparência de uma baba bem grossa, uma saliva cor creme. Então, ponto a ponto ele coloca o Kambô, até que se completem os sete pontos. Antes que termine o sétimo, Leandro já sente um calor na face. O efeito do Kambô vai crescendo, o calor e a pulsação aumentam, a corrente sangüínea vai a mil por hora. Por mais que se tente acompanhar o processo com a mente, ele é mais rápido. Tão rápido que faz com que Leandro se encontre numa situação difícil, um peso sobre o corpo o impede de se movimentar. Perde a consciência. Acorda com a voz da paciente anterior:

-Leandro, Leandro!

Ao seu lado, Chico está limpando o local da inoculação, retirando a vacina com um pano molhado. Ao mesmo tempo que recobra os sentidos, Leandro desperta para uma realidade nova ou esquecida. Sente o coração pulsar como o de uma criança, sem preocupações, sem censuras: está rejuvenescido. Pergunta se pode andar. Seu Chico diz que sim. Sai e vê a grama verde como se nunca a tivesse visto como ela realmente é: ela está linda, brilha e ele percebe que ela está viva mesmo. Dentro de seu peito pulsa a gratidão por estar vivo, uma vontade jovem de amar a vida.

Conversam um tanto aquele dia. Leandro encanta-se por sua figura, sua simplicidade e sabedoria, o jeito cativante de tratar as pessoas. Um sonho de menino conhecer a Floresta, de ser índio. Ele o entende e convida-o para ir a Cruzeiro do Sul.

Durante uma semana o efeito da vacina é bem perceptível: a presença de uma alegria jovial e consciente da realidade. As atitudes refletem maior espontaneidade, como se os gestos partissem do coração sem passar pelo crivo da censura e do julgamento. Com o decorrer das exigências da vida urbana, aquele primeiro encanto passa. Fica ainda a forte ligação com o Kambô e com Chico Gomes. Dentro crescendo a certeza de que um dia irá a Cruzeiro do Sul. Visita a casa de seu filho Antônio - os acreanos devem ter demorado a entender o que queria o agitado filho de paulistanos - olhando-o com certa reserva, mas sempre o tratando bem. Mesmo assim, cresce sua admiração por aquela família, suas histórias da Floresta, dos seringais, das aldeias...

Em agosto de 1999 Chico Gomes retorna a São Paulo. Leandro recebe novamente outra aplicação da vacina: sete pontos; desmaia novamente e desta vez vomita também. Sente uma dor de barriga tremenda e aquela nítida sensação de sapos engolidos e mal-digeridos que o Kambô põe para fora. O coração também melhora, mas já não sente de novo aquele rejuvenescimento total. Sabe agora que é preciso tomar uma atitude consciente para buscar aquele coração verdadeiro. O convite para ir a Cruzeiro do Sul é refeito: desta vez ele vai. Em agosto mesmo, pede as contas do emprego e parte em busca do coração, da vida.

Nas noites que antecedem a viagem vêm em sonhos o Pantanal, o Cerrado, os Andes e a Floresta Amazônica, e, em todas estas paisagens, no céu azul estrelado acima delas, está a constelação do Cruzeiro do Sul, como que orientando a viagem. Em setembro já está com o pé na estrada, uma sensação que há muito tempo não tinha: a liberdade e um caminho para seguir. Faz uma rota diferente: Campo Grande e Corumbá, em Mato Grosso do Sul; Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba e La Paz, na Bolívia, e depois Puno, Cuzco, Puerto Maldonado e Iñapari, no Peru. Assim entra pela porta do fundo do Acre: Assis Brasil, Brasiléia e Rio Branco. Em Rio Branco quem leva Leandro ao aeroporto para embarcar para Cruzeiro do Sul é o Murad. Chega em Cruzeiro do Sul no início de outubro.

A presença da Floresta é muito forte, pois ela está em toda parte, o clima é ameno para a Região Norte, graças a esta presença da Floresta. Antônio está em Cruzeiro do Sul, em visita aos pais, encontra-o de bicicleta, ele grita:

- Leandro!

- Olha Pai! O Leandro chegou, tá com cheirinho de Peruano!

- Mas caramba, eu tomei banho em Rio Branco!

- E esse chapéu?
- É boliviano!

No Sítio Diamante, todos se abraçam forte.

- Amanhã eu já aplico o Kambô em você e vamos para os Katukinas
 - O que eu levo?
 - Rede, comida... Repelente eu não sei se você usa, lanterna se tiver...
 - E facão?
 - Se tiver é bom, leva também calça comprida, boné e camisa de manga. Amanhã vamos para a cidade comprar comida e pegar o Jipe; o Antônio vai arrumar um lugar para você dormir, que aqui em casa, olha você me desculpe, mas estamos sem espaço.
 - Você vai dormir na casa do Tião, lá é bom, confortável.
- Naquela noite o jantar é um belo curimatã assado na brasa.

Amanhece em Cruzeiro do Sul:

- Josete! Busca um copo d'água e um pano aqui pro Leandro que ele vai tomar o Kambô.
- É sete mesmo, seu Chico, que ainda desmaiei com sete da outra vez!
- E aí, como tem se sentido, melhorou daquelas coisas que sentia?
- Venho melhorando, seu Chico!
- Toma este copo d'água e arregaça a manga da camisa.

E lá vêm os sete pontos, mesmas reações, aquele fogo no sangue, aquela quentura; depois o enjôo, a palidez, aquela sensação estranha de estar meio perdido. Desta vez vomita, e caga também, mas já não desmaia.

Os três vão para a rua, o centro, onde está marcado o encontro com Xirlians, às 10:00, na frente da Drogaria Popular. Lá esperam Neto Onofre e Xirlians. O Jipe não está pronto ainda. Conversa de homem. Primeiro política: o governador Jorge Viana; depois meninas, dizem que as meninas de Cruzeiro do Sul têm as pernas bonitas por causa das ladeiras: poucas cidades do Norte têm ladeiras como as de Cruzeiro do Sul. Na cidade compram os preparativos para a viagem.

Cruzeiro do Sul é uma cidade com aproximadamente 70 mil habitantes, da qual dependem pequenos municípios da região do Vale do Juruá, como Marechal Taumaturgo, Mâncio Lima, Rodrigues Alves e Porto Walter, além de comunidades mais isoladas da região.

Cedo já estão chegando os agricultores para vender seus produtos e gente em busca de tratamento médico ou para comprar alguma mercadoria. A zona central de Cruzeiro do Sul é bem interessante, com um mercado muito movimentado onde se vende principalmente subprodutos da macaxeira. A começar pela Farinha de Cruzeiro do Sul, mundialmente conhecida. Depois vêm as deliciosas Tapiocas, o Beléu (feito de massa de mandioca, açúcar gramichó²⁸ e cravo), o Bolo de Macaxeira, Farinha de Tapioca, Goma. Juntamente com a farinha, o peixe também é bem importante na alimentação: curimatã, surubim, pirarucu, mandim e outros que vêm dos rios da região e também de mais longe, do estado do Amazonas, e são vendidos no recém-construído Mercado do Peixe. Ao lado deste ficam ocupando as ruas as barracas de frutas, verduras e legumes e na mesma redondeza os mercados de móveis e utensílios domésticos, supermercados e lojas de material para construção. Roupas e presentes

²⁸ **Gramichó:** O mesmo que mascavo.

são vendidos em um mercado cuja fachada lembra os do Oriente Médio, o que talvez venha da forte presença sírio-libanesa entre os comerciantes. Tudo isto em menos de um quarteirão, o que faz esta zona central parecer um legítimo mercado persa.

As balsas vindas de Manaus ou Porto Velho trazem as mercadorias através do rio Juruá. Quase todo o comércio é fluvial porque durante a maior parte do ano a estrada que liga a cidade a Rio Branco permanece fechada devido às chuvas. Como há pouca relação com a capital do estado, alguns cidadãos cruzeirenses desejam a autonomia daquela parte do Acre, onde seria então proclamado o estado do Juruá, com capital em Cruzeiro do Sul.

O rio influi muito nas atividades da cidade construída em sua margem: dele dependem o comércio, o transporte e o pescado.

Chegando-se de barco em Cruzeiro do Sul, é a imponente igreja que primeiro se avista. Espécie de cartão-postal da cidade, a igreja sob a forma de uma gigantesca oca octogonal lembra os atuais habitantes da cidade dos antigos senhores do Juruá, os Náuas. Extintos no início da ocupação do vale, restou apenas uma foto da índia **náua**²⁹ Mariune nos registros da cidade.

Através do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a Igreja Católica ajuda a divulgar a arte indígena. Mesmo onde já está instalada a religião católica, acontecem as festas do Mereré, ou Mariri, conforme a cultura, onde se bebe o chá feito do cipó de mesmo nome, Mariri, com a folha da Chacrona. Padres também o bebem, sem que o Bispo saiba.

Ao menos dez importantes nações indígenas estão espalhadas pelos diversos rios e igarapés, geralmente no alto desses rios. Os Katukinas, os Kulina, os Arara, os Ashaninkas, os Jaminauás-Araras e outras, nações do tronco lingüístico Pano ou Aruake³⁰.

Expedição aos Katukinas

Os preparativos para a viagem aos Katukinas consistem em banana, biscoitos, arroz, feijão e farinha, doces e balas para as crianças, fumo para os adultos. O velho Jeep Willis amarelo parte abarrotado de gente e sacolas. Nele vão Chico, Antônio, Ribamar, Neto Onofre, Gildo, Arnaldo, Leandro, o egípcio Ali e o motorista Xirlians. O Jeep então embarca numa balsa que em poucos minutos faz a travessia do Juruá. Nas duas margens do rio erguem-se casas de palafitas; do lado da cidade está o Bairro dos Alagados, e as cheias do Juruá justificam este nome para os seus habitantes, na margem oposta está o Bairro Miritizal. No trecho que banha a cidade, o Juruá tem uma intensa navegação fluvial, com pequenas canoas de motor de *rabeta*³¹, ideais para

²⁹ A região de Cruzeiro do Sul também é conhecida como região **missioneira**, devido às missões promovidas pela igreja católica, formadas principalmente por alemães. A igreja tem forte ascendência na cidade, apesar do crescimento das denominações evangélicas nas últimas décadas. **Nauas**: Na realidade desde 2000, uma população do rio Moa reivindica para si o nome **Náua** e após dois laudos antropológicos favoráveis, os nauas figuram entre os chamados povos ressurgidos. Nota do autor

³⁰ **Araras** (Shawanauá), tronco Pano, pop: 300; **Ashaninkas**(Kampas), tronco aruake, pop: 763 no Brasil e 50 mil no Peru; **Jamináuas**, tronco Pano, pop: 370 no Brasil e 600 no Peru. Fonte: Banco de Dados do Programa Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental.

³¹ **Motor de rabeta**: motor de popa de eixo longo, assim o piloto pode regular a profundidade que quer do motor, dando boa manobrabilidade ao barco para desviar de troncos.

manobrar em pequenas profundidades, as *voadeiras*³² e também as embarcações maiores: balsas, batelões e barcos pesqueiros vindos de Manaus, Eirunepé, Ipixunas... A travessia do rio custa R\$1,00 por pessoa e R\$3,00 por veículo. Do outro lado do rio, atravessa-se um trecho de lama e depois se chega ao asfalto da BR 364. Na beira da BR encontram-se algumas propriedades, algum gado, mas ainda predomina a Floresta.

- Olha lá, acolá a *Samaúma*³³!

A princesa da Floresta destaca-se das demais árvores pelo seu porte e beleza. Aparentada da paineira do sul, também dá o algodão, a paina, mas é muito maior, mais bonita. Tem muita importância para o índio e o caboclo, pois é chamada de a Mãe da Floresta, também conhecida como barriguda. Acumula água em seu tronco: durante os períodos de chuva fica toda arredondada, como uma barriga, e durante os períodos de maior seca o seu tronco se racha espalhando aquela água para a vegetação ao redor, como um gesto de mãe. Este momento é chamado de estrondo da Samaúma. A Samaúma é a maior árvore da Floresta. Quando alguém se perde deve procurar a Samaúma e bater repetidas vezes em seu tronco. Ela tem a propriedade de irradiar aquele som por alguma distância, facilitando o reencontro com os companheiros. A casca de sua árvore é usada para curar justamente a barriga d'água e casos de retenção de líquidos no organismo.

- Olha lá o *Apuí*³⁴!

Apuí, Príncipe da Floresta. Misteriosa árvore que cresce de cima para baixo. A semente é levada geralmente por um pássaro para cima de uma árvore. O Apuí germina lá no alto e começa a descer, descer, até que encontra o solo, então começa a crescer e envolver a árvore hospedeira; cresce em volta dela até que a sufoca, mata e finalmente a absorve. Continua crescendo, seus galhos lançam novos cipós que, ao chegarem ao solo, transformam-se em raízes, e o seu diâmetro aumenta até se tornar a árvore gigantesca que é. Dizem que envolve todas as árvores, exceto a Samaúma. O chá da casca do Apuí é usado para fortalecimento dos músculos, quando há o rompimento de algum tendão, ou distensão muscular. Há também uma receita contra hérnia. Pega-se o menino que está criando hérnia, encontra-se então um pé de Apuí, em uma de suas raízes aéreas abre-se com o terçado (facão) um espaço suficiente para que passe o menino. O leite do Apuí é passado sobre o local da hérnia, então o menino passa três vezes por dentro do Apuí e depois vai embora sem olhar para trás. A pessoa que fez o corte no Apuí amarra-o com cipó. Quando o corte na árvore tiver sumido, a hérnia também sumirá.

Visita à Terra do Kambô

³² **Voadeiras:** lanchas mais modernas de casco de alumínio e motor de popa; atingem grande velocidade, percorrendo em três horas o que os barcos mais simples fazem em três dias, daí o apelido.

³³ **Samaúma:** *Ceiba pentandra*. Atinge 40m de altura e cerca de 8m de diâmetro. Pilotos de pequenos aviões dizem que em casos de emergência é possível pousar na sua copa. Suas raízes são tabulares e funcionam como apoio, assim consegue ficar de pé, porque, como o solo da Amazônia é pobre em nutrientes, as árvores não têm raízes profundas. A pluma que envolve as sementes era muito utilizada para fazer bóias e salva-vidas capazes de agüentar até 35 vezes seu peso n'água. É usada também como isolante térmico de colchões e travesseiros. O óleo, além de comestível, serve para iluminação e fabricação de velas.

³⁴ **Apuí:** *Ficus sp.*

A viagem de Jipe prossegue: segura o chapéu! Agora termina o asfalto e começa a estrada de terra, adentra-se em um ramal, uma pequena estrada secundária. A presença da Floresta é viva, intensa, a começar pelo frio da mata. Mesmo no escaldante sol do Acre, a pino, a Floresta mantém uma temperatura amena. Cheiros e sons da mata dominam olhares, ouvidos, pensamentos. Uma revoada de curicas (espécie de papagaios verdes de cabeça azul) se espanta com o barulho do motor do Jipe.

As árvores são imensas e muitas estão floridas. Há vegetação de todo tamanho, numa escalada. Primeiro, a sororoca: folhagem rasteira que pela beleza pode se dizer que é ornamental - fica na altura do joelho. Depois, o palmeiral: açaí, buriti, bacaba, pataúá - tem de três a cinco metros. E, finalmente, as grandes espécies arbóreas amazônicas: Pau d'Arco, Mulateiro, Jatobá, além dos já mencionados gigantes amazônicos, Apuí e Samaúma.

A Floresta Amazônica não é apenas verde como se imagina, ela é muito colorida. Além de uma infinidade de tons de verde que vão desde o verde-água até o verde-oliva, há árvores de folhagem vermelha, azulada, troncos bege salpicados de cinza, líquens de cor laranja ou então de uma amarelo quase fosforescente. Flores roxas, como a do Pau d'Arco, lilases, róseas e brancas, como a da Samaúma.

No meio desta Floresta, floresce a colônia agrícola de Santa Luzia. Santa Luzia, que, para quem conhece, é a Terra do Kambô. Tem uma escola e um posto de saúde pintados com o slogan *Governo da Floresta*. Há energia elétrica apenas nesta parte mais central e muitas casas estão abandonadas, pois a vila já teve população maior. Os agricultores lá vivem do que a terra lhes proporciona, com pouca técnica e às vezes nenhuma tecnologia. O principal produto ainda é a farinha, produzida de modo artesanal nas Casas de Farinha.

A macaxeira é de excelente qualidade, nunca se viu macaxeira igual a essa no sul do país. A produção de farinha emprega a família toda. A macaxeira é descascada e depois ralada, a seguir passa por uma chapa de metal aquecida por uma fomalha. O trabalho exige prática e coordenação dos grupos, para que a farinha fique no ponto. Como praticamente todos produzem farinha, é importante que ela saia com excelente qualidade. É a Farinha de Cruzeiro do Sul, que o povo tanto estima. Em todo o Acre, *Farinha de Cruzeiro do Sul* é sinônimo de coisa boa, de primeira qualidade, que pode ser uma pessoa boa, ou um artigo de luxo.

Há um conto local de que um *doutor* (pessoa com estudo, e que geralmente rejeita os hábitos mais caboclos) em visita a Cruzeiro do Sul, provou da farinha e também deu a seus filhos pequenos para que experimentassem. Quando o *doutor* já havia saído da cidade, os meninos acordaram em choro de madrugada. A mãe zelosa e o pai coruja não sabiam o que dar aos filhos:

- Mas o que vocês querem?
- Farinha!

O conto dá um exemplo da importância que a farinha tem na alimentação, na vida econômica e na auto-estima do povo cruzeirense ou mesmo juruaense. A vila agrícola de Santa Luzia também fornece grande parte dos víveres de Cruzeiro do Sul: frutas como banana, mamão, melancia, abacate, abacaxi. Também as polpas de açaí e buriti. Arroz e feijão, e parte da madeira usada na construção das casas da região.

A casa de Chiquinho Gomes Muniz não possui luz elétrica. Muito bem cuidada, é um mimo, um brinco no meio da Floresta. Toda de madeira com telhado de alumínio, padrão na região. Ornamentada com plantas: samambaias, rendas e bromélias. Uma entrada onde se recebem as visitas. Na sala, uma gravura de Jesus na parede, uma de Maria e também um retrato do Irmão José, místico religioso que andou pela região algumas décadas atrás. Proporcionando milagres, compartilhando pão e palavras de

sabedoria, Irmão José percorreu os seringais e comunidades mais distantes da Amazônia Ocidental, ao que parece por conta própria, sem que houvesse por trás dele qualquer instituição religiosa. Os mais antigos ainda se lembram dele e raras são as casas que não possuem um retrato do Irmão José.

Igualmente bem cuidada é a cozinha de Angelita. Toda a tralha de alumínio impecavelmente limpa, areada e arrumada. Reluzente em um armário que ocupa uma parede da cozinha. Em outra, abre-se para fora uma janela, onde existe um jirau, espécie de parapeito ampliado. Serve para lavar a louça, com baldes. Os restos de alimento alimentam porcos, cachorros e galinhas que disputam cada grãozinho de arroz. Como toda casa da região, possui também um trapiche na porta de entrada uma pequena plataforma de madeira onde se deixam as sandálias ou sapatos e onde se lavam os pés antes de entrar, um costume que lembra um pouco os orientais. Dentro de casa anda-se descalço, a menos que a mulher esteja *de dias*, então é preferível que ela calce uma sandália para andar dentro de casa, para evitar a frieza do chão que pode aumentar as dores de cólicas.

Ao lado da casa propriamente dita, há a Casa de Farinha. Duas fornalhas, peneiras e raladores e todo instrumental para se fazer farinha. Uma engenhoca, moenda manual de cana, onde se faz a garapa e o melado.

Um pássaro, o Jacamim, toma conta da Casa de Farinha. A fêmea tem por hábito cuidar de filhotes de outras aves, chegando a expulsar galinhas para cuidar dos pintinhos. Bico fino, pernas compridas e uma penugem negra brilhante, com reflexos esverdeados. Valente, enfrenta com poderosas bicadas aves maiores que ela, e também cachorros, porcos e até gente, para cuidar de seus filhotes legítimos ou adotivos. Gente que adota filhos recebe o apelido de jacamim. Na família de Chiquinho Gomes Muniz, todos são muito morenos, cabelos negros e lisos, o biótipo caboclo em toda sua expressão.

Genildo dos Santos Muniz, de 18 anos, é o principal coletor de Kambô. Soube que cura várias doenças e se interessou pelo Kambô.

A procura pela rã começa na *boca da noite*³⁵ e a espera pode ir até as duas da manhã. Tem época certa para se colher Kambô, ele³⁶ começa a cantar em setembro e vai até maio, junho. Quando canta, o coletor vai atrás, com a lanterna: ouve o kambô bem longe, vai chegando perto dele, procura nas árvores, vê primeiro o branco dele, porque o peito dele é branco, mas o corpo mesmo dele mesmo é verde. Colhe-se com uma *palhetazinha*, um tipo de faca de madeira, para não machucar a rã, então se raspa o corpo dele e passa na palheta maior. As vezes ele está baixo e às vezes, alto, o que faz diferença para o caçador, porque bom mesmo é quando ele está na altura da caça. O caçador que toma fica com sorte para pegar uma caça daquele tamanho, na altura que encontrou. No chão, não presta e muito alto também não, porque o caçador só encontra ave, pássaro bem alto; isto para caçador, para a saúde isto não importa. O que importa é a parte do corpo da rã que se colhe: quando se tira da cabeça, quem toma fica com *cabeção*, por isso não se tira da cabeça não. Quando o veneno tá fraco ele solta um leite bem líquido, ralo; quando está forte, solta um leite grosso, branco da cor de leite mesmo. Um corte na mão na hora em que estiver colhendo é perigoso, pois o Kambô penetra e faz efeito.

A primeira pessoa que Genildo viu colhendo Kambô foi seu pai, mas ficou estava com nojo de pegar na rã por causa do cheiro! Foi vendo tirar e aprendendo. *O cheiro dele é de pura folha machucada*. Gosta do trabalho, só que perde muito sono, chega

³⁵ **Boca da noite:** Início da noite, por volta das seis horas.

³⁶ Quem lida com o Kambô, trata-o pelo masculino, supondo que é o macho da espécie. A fêmea é chamada Kamboa e é menos procurada.

em casa duas, três horas da madrugada, o que é muito perigoso também, pois tem de passar por dentro de mata, no *pé da noite*³⁷ (3). Quando já está na época do kambô cantar, o canto começa lá pelas seis horas da noite. Ao que parece, no quarto-minguante o efeito fica mais forte. Para o canto dele, é o tempo que manda: canta muito no mês de setembro, quando o tempo está preparando para chover e o temporal relampeando. Quando termina de chover, ele canta, mas não com chuva. No seco, ele também canta: quando tem luar e a nuvem está passando pela Lua, aí ele canta.

No sítio de Chiquinho, toma-se garapa, bebe-se água de coco. Pena que ainda não é tempo de açai; a viagem segue.

Alguns quilômetros à frente está a aldeia dos katukinas, na beira da BR, como disse o Antônio. Chico cumprimenta o velho amigo Bahia, numa mistura de português caboclo e katukina:

- Airakêi?
- Ruapá³⁸!
- Quem é o Tuxaua agora?
- É o Fernando, você conhece o Fernando?
- Acho que me lembro dele pequeno.
- Vocês ficam na escola das crianças.
- Então vamos lá!

As crianças ficam em volta:

- Shimbam, Shimbam!

Shimbam distribui o bolso cheio de balas. Armam-se as redes na escola, na lousa estão escritas palavras em português e katukina. O naco de fumo vai para o Bahia, o Pajé. O Antônio, Pandju Anipã (Orelhas grandes) é chamado para comer um pedaço de cotia assada, privilégio dos parentes mais próximos.

O banho é no Igarapé - tem que se ter cuidado para não perder o sabonete. Gildo não fica pelado porque tem senhoras na estrada. Os indiozinhos ficam rindo dos cariús:

- Cuidado com jacaré, no rio tem arraia, piranha!
- E candirú, tem?
- Tem, então perai que de candirú eu tenho medo!

Candirú é um minúsculo peixe que tem a capacidade e ousadia para penetrar nos menores buracos do ser humano depois de dentro, abre suas guelras com um espinho na ponta e de lá para sair, é *peia*³⁹.

No fim da tarde, procuram o cipó e a folha para fazer Raminú, para beber a noite, com o Pajé.

A janta é servida aos visitantes na casa do Tuxaua Fernando. Todos se sentam no chão. A mulher dele serve a janta: coisas que os convidados trouxeram e também algo deles: banana, macaxeira. Difícil para o Gildo comer sentado, a barriga atrapalha, por isso ganha o nome de *Postô Sonê Anipã* (Barriga grande, Buchudo). Ganha também o

³⁷ **Pé da noite:** alta madrugada.

³⁸ **Airakei, Ruapá:** Respectivamente: Olá, ou Como está? E Bem, tudo bem (pode ser também bonito).

³⁹ **Peia:** Expressão muita usada em todo o Norte. Peia é açoite e tudo o que é difícil ou doloroso é chamado de peia. Pode significar também castigo humano ou divino.

respeito dos katukinas: é tido como índio ou quase, pelos traços, pelo jeito de saber lidar com aquele povo. Na casa de Fernando todos são bem tratados e bem alimentados. O Tuxaua fala do dia que irá a Porto Seguro, com índios do Brasil todo. Sabe que já tiraram muito do índio: a terra, a paz e agora querem lhe roubar o que sabe. Vão à aldeia para saber das coisas do índio. *Mas a gente não ensina tudo assim, fácil. Dizemos sempre que é Pajé quem sabe.* O Branco agora é que precisa do índio, para reencontrar seu caminho na Terra, junto ao Criador. Esqueceu, e agora precisa voltar para a Aldeia, encontrar os parentes, os amigos, os filhos.

Os índios são felizes: dizem que índio não tem nada, não tem televisão, mas o *índio faz chá de cipó e bebe e é melhor que televisão, quem precisa de televisão?*

De noite já se tem o cipó e folha também. O Pajé e seu auxiliar e aprendiz ficam cuidando do preparo do chá na panela, fervendo, cozinhando. O Pajé fala dos brancos, dos cariús sem-vergonhas que aparecem por lá. Enganando o índio, querendo mulher, trazendo cachaça. Diz que capa no rastro, pondo uma certa folha no rastro do cariú: não levanta mais!

O Pajé não vai beber hoje, pois está doente. Explica que quando se está bom, o Raminú leva o espírito ao alto, mas quando o Pajé está doente, o Raminú leva ao fundo. O Chá está pronto e os presentes fazem um círculo de cadeiras escolares e uma fogueira. O Pajé distribui o Vegetal, passa a cuia dentro da panela, pega, assopra a cuia e dá para a pessoa. Todos bebem e o Pajé pergunta quem quer rapé.

O Rapé do índio não é só tabaco, tem outras ervas, como sanango, por exemplo, que no Peru é chamado de Shiri Sanango: serve para tirar a panema e limpa as vias respiratórias também, por isso é bom para quem tem sinusite. Só que o caboclo vai para a rede, tem que segurar o balanço, agüentar, ser forte, porque o Rapé do Pajé Bahia não é brincadeira. É assoprado de dentro de uma forquilha, feita de osso de cotia ou de pata. O Pajé fica olhando e rindo do cariú.

O efeito do Raminú começa bem suave, aparecem umas luzes, os sentidos ficam mais despertos, depois se bebe mais uma vez. É quando então o efeito pega mesmo: é como se pudesse se enxergar por dentro: a água, os seus encantos, porque a gente também é feito de água. A gente bebe, a água cristalina circula no corpo, limpando, renovando. O arco-íris é a luz na água, fica-se enxergando um tipo de arco-íris dentro do corpo por causa desta água. Há muita luz e muito encanto, e o Pajé chamando a Força, este Encanto da Natureza:

-Raminú, Curaminú, Raminú, Curaminú...

A Natureza cada vez mais presente, com folhas multicoloridas, pássaros... Sonhos antigos aparecem, entende-se muitas coisas também. O Pajé distribui muitas vezes o Vegetal e a sessão dura até a alta madrugada. Apesar do cansaço, a sensação ao final é de muita saúde e percepção ampliada. A vontade de viver, maior. Leandro encontra o horizonte que vinha procurando, um começo, um caminho em busca de saúde, deste conceito de saúde, do despertar para a vida. A intuição que o trouxe até a Floresta é a mesma que o tem guiado desde o início. Por isso acredita que é nela que estão as respostas: na Natureza, de sabedoria infinita. Acredita que é esta Natureza que pode trazer saúde, equilíbrio e felicidade, pois Ela também está dentro de nós. É preciso religar, quebrar esta barreira que na verdade está apenas na mente: podemos ser Um com a Natureza.

Reconhecendo o São José

Em menos de uma semana Chico Gomes prepara para si e para Leandro mais uma viagem, desta vez ao rio Liberdade, ao mesmo seringal São José onde viveu boa parte de sua vida. A viagem é feita de Toyota até o Liberdade, e depois de barco, com motor

de rabeta, descendo o rio. O rio está baixo e requer habilidade do piloto, Célio, que tem de ir desviando dos paus.

Enquanto se revela a beleza da Floresta que margeia o rio, Shimbam conta a Leandro coisas que aprendeu na vida. O jeito suave e apaixonado, natural, espontâneo. Ser verdadeiro e seguir sempre o próprio caminho. No caminho das águas, uma sucessão de praias, em algumas delas se planta melancia, noutras milho ou feijão. Está ouvindo, querendo aprender, ainda buscando este caminho, sentindo e estudando a si mesmo, como se estivesse com os seus olhos voltados para dentro de si. Cruzam o céu bandos de aves: periquitos, araras vermelhas, papagaios e tucanos. O barco vai deixando seu rastro na água barrenta do Liberdade e as aranhas d'água, contrariando o senso comum, equilibradas naquele fino espelho d'água, vão fugindo da turbulência causada pelo motor de rabeta.

Já são duas semanas na Amazônia e o coração sulista já bate melhor, mais gostoso dentro do peito, desafogado. A pele já está mais curtida, querendo virar couro de acreano. Mas os *meruins*⁴⁰ não querem saber disso, picam e mordem a toda gente. Ferram até no couro cabeludo, apesar de que com o barco em movimento eles não atacam tanto.

Com o sol brilharando as águas do Liberdade, avista-se um biombo de palhas de palmeira e um trapiche no rio. Uma mãe está banhando sua criança, ensaboando e outras meninas-mulheres também estão tomando banho para se refrescar, de roupa mesmo, mas vêem os viajantes e saem de lá.

É a comunidade São José, antigo Seringal São José. Parentes e amigos se reencontram.

Dona Lili quer receber bem os viajantes, ela e o seu Manduca. Pegam as coisas e preparam a janta, armam as rede dos viajantes na sala. Não é sempre que se recebe amigos tão antigos. Praticamente se criaram juntos: ela, Chico Gomes, Davina, também seu marido, Manduca. Seu filho mais velho se casou *com esta menina de quatorze anos, quando engravidou dele tinha treze. Acharam mais certo se casar. Se dão bem, e ela já tá esperando outro. A filha mais velha é professora de outra comunidade, rio acima.*

Dona Lili, pergunta ao desconhecido:

- E você, de onde é?
- De São Paulo.
- Você come o quê?

Chico apresenta o amigo, dizendo:

- Não se preocupa não que esse aí come de tudo, tem é que esconder o prato.
- Aqui não precisa disto, temos bastante. Você come cachimbo? É aquele peixe, cascudo, que se come ensopado.
- Como.

- Então anda com os meninos que quando o jantar estiver pronto, eu te chamo.

Chico fica conversando com os velhos amigos e Leandro vai para fora, sentir a noite no seringal, o silêncio e a paz da Floresta.

Do lado de fora estão alguns meninos do São José, que provocam o visitante:

- A menina lá quer te conhecer, só que cuidado que o pai dela é valente.
- Mas é muito nova, porque não namora você com ela?
- Porque é minha prima.

⁴⁰ **Meruins:** Minúsculos insetos hematófagos.

- Para mim é muito nova.
- É nada, já tem bem uns treze anos!
- Muito nova!
- Então vamos andar na praia para ver se a gente encontra jacaré, você tem lanterna?
- Olha lá, acolá, no balseiro, foca a lanterna ali, tá vendo os olhos do bicho, brilhando?
- Tô.
- Então peraí que eu vou pegar a espingarda.
- Matar para quê?
- Para ver de perto, não quer ver de perto o jacaré?
- Não, só se for para comer.
- Então a gente come.
- Mas tem peixe, tua mãe tá fazendo a janta, não precisa matar o jacaré, ainda mais que deve ser pequeno.
- Então tá bom, vamos mais para frente ver se tem mais.
- É aquilo ali, brilhando, é o quê?
- É caboré, sabe o que é caboré, não? É o mesmo que coruja...

Quando chegam, a janta já está pronta e na mesa tem peixe, feijão, peixe no caldo, farinha para fazer pirão. A sede se mata com melancia, que não há água gelada; se colhe a melancia e põe ela na sombra para ficar fria. O gerador está ligado, zunindo cerca de quatro horas por dia, iluminando as cinco casas da comunidade e uma televisão. É quando a comunidade se reúne para ver o jornal, a novela, e às vezes algum filme também.

Seu Manduca às vezes também assiste à novela onde mostra a terra dos paulistas onde tem a Juliana, o Mateo...

Quando o gerador a diesel se apaga, as mulheres vão dormir, ficam acesos os lampiões de querosene e os homens acordados.

Contam histórias de caçador, de Matinguari, das visagens⁴¹ na Floresta, do tempo de seringueiro, quando tinham de se levantar na madrugada com a poronga, dando medo às vezes. Mas tinham de ir, fazer o quê? Tinham que colher. Olha que tem gente que ainda sente saudades da borracha, ficam dizendo: *ai, se voltasse o tempo da borracha...* Muitos preferem nem lembrar deste tempo, porque era um trabalho perigoso... Hoje se planta o tabaco, é mais fácil colher o fumo. Nos forros das casas ficam os *molhes*⁴² de fumo, cada molhe custando cerca de R\$80,00. Teve tempo em que já chegou a custar R\$200,00. Planta-se também o milho, o feijão e a macaxeira, mas só para o consumo da comunidade. Na melancia pagam uma miséria, vale mais a pena comer cá mesmo.

Poderia ser diferente: quem produz se organiza, um de confiança da comunidade, o seu Manduca, por exemplo, vai para a cidade e vende lá. O lucro é maior, porque vender para o *regatão*⁴³ já se sabe como que é: pagam aquela miséria e por uma lata

⁴¹ **Visagens:** são visões na Floresta, assombrações geralmente fantasmagóricas, quando se avistam espíritos, sacis, curupira, e outros. A maioria não acredita nestas coisas, mas as visagens são uma realidade para quem as vive, pois não há tempo para racionalizações: atira-se ou foge, ou os dois, e há o risco de se perder na mata.

⁴² **Molhes:** cada molhe tem oito rolos cada. O rolo é semelhante ao fumo de corda.

⁴³ **Regatão:** barco que faz o comércio, comprando os produtos das comunidades e vendendo mercadorias. Os preços são sempre abusivos tanto para compra quanto para venda, é uma reminiscência do sistema implantado com o ciclo da borracha e até anterior a este.

de leite cobram um absurdo, por isso era melhor vender em Cruzeiro do Sul, ou se não em Ipixunas⁴⁴, e também se comprar lá o que precisa.

É hora de repousar: amanhã os viajantes farão uma caminhada na Floresta, para *correger*⁴⁵.

Corregendo a Floresta

O sol amazônico ajuda a despertar cedo, com seu calor e claridade fortes mesmo as cinco da manhã, pondo moradores e viajantes para fora da rede. No café da manhã tem banana cozida, tapioca, biscoito e leite em pó. A pequena canoa atravessa o leito estreito do Liberdade com os dois viajantes.

Do lado de lá, entrando na Floresta, pintam-se de urucum com óleo de andiroba, para se defender dos mosquitos mas também para se integrar melhor à Floresta, para ser índio de novo. Um nasceu na Floresta, bem próximo dali, na verdade, conhece bem o que é caminhar naquelas matas. O outro nasceu numa das maiores cidades do mundo, já andou em matas, mas sempre com aquele jeito meio arrogante, destruidor, querendo abrir caminho à força, no facão, cheio de medo na verdade.

Quem conhece os caminhos é sereno: pede licença para entrar na Floresta, conversa com ela e apresenta seu amigo para ela, suavemente vai abrindo o caminho com as mãos e sempre conversando:

- Quando era mais novo e morava aqui, conversava sempre com a Floresta, contava alguns segredos, desabafava; pedia para ser amigo dela, como peço hoje: *para sermos amigos dela*. Ela é viva, ouve o que a gente fala. Sabe que árvore é esta?

- É a Samaúma?

- Ela mesma, olha em volta dela, sente como é tudo calmo e sereno; isto porque ela é a Princesa do Florestal, conversa com ela que ela te ouve.

Quando é cedo, as árvores maiores recebem diretamente a Força do Sol, até as dez. Depois, são estas árvores maiores que transmitem sua Força para as plantas menores. Isto seu pai já lhe ensinava, e diz que é por isso que a Floresta muda todo o tempo. De tarde, já é outra Força, e o sentimento da gente em relação a ela também muda.

Chico conta que, no tempo que agredia a Floresta, também lhe aconteciam situações de risco, mas quando parou de agredi-la, então ela também passou a lhe tratá-lo melhor.

Shimbam se esconde atrás de árvores e assovia, se agacha, sai do campo de visão do seu aluno e é o suficiente para ele se sentir perdido. Mas sabe que Shimbam não vai lhe deixar na mão, procura e encontra o amigo atrás de um tronco ou de um sororocal. Chegam ao lago, numa árvore do lado de lá tem umas cinco, não sete, nove ciganas⁴⁶.

Descansam e depois seguem caminho. Shimbam vai na frente, aumentando a distância de seu discípulo, para ver se ele aprende a caminhar, mas tem um tronco no meio do caminho:

- Por onde eu vou?

⁴⁴ **Ipixunas:** Município amazonense.

⁴⁵ **Correger:** Conhecer, na fala regional.

⁴⁶ **Cigana:** *Opisthocomus hoazim*. Ciganas são aves consideradas pelos zoólogos e paleontólogos como sendo fósseis vivos, pois têm um resquício de garra nas pontas das asas que nos filhotes é ainda mais evidente; é a única espécie viva que tem esta característica.

- Por ali, pelo caminho do Sol, aonde está claro, sobe pelo tronco.

Mas uma moita de espinhos e o capim navalha estão fechando cada vez mais a passagem, até que definitivamente se fecha. Agora tem de voltar, mas na volta parece que os espinhos cresceram por onde passou. Puxa o facão e começa a cortar, porém os galhos de espinho seguram o movimento. O tanto que corta, os espinhos também o cortam o mesmo tanto - agarram-lhe na roupa e na carne. Escorrega no tronco liso e cai no chão, bem perto do capim navalha. Olha a mão: está sangrando. Do rosto pinga na boca um gosto de sangue, não sabe o quanto se cortou e se assusta. Shimbam já chegou no local e diz como sair; de pé se recompõe:

- Estou sangrando, cortei o rosto?

- Não, é o urucum com o suor que faz ter gosto de sangue.

- Menos mal; então seguimos?

- Seguimos... Olha, é preciso ter calma na Floresta, senão é sujeito acontecer isto mesmo, ou pior. Shimbam lhe limpa o rosto, continua dizendo:

- Mas isso é normal para quem ainda não conhece muito.

- Não, isso não muda o meu querer não, sei que acontece.

Shimbam corta umas palhas de palmeira e faz com elas duas camas improvisadas para descansarem um pouco. Na volta, passam pelo caminho crianças vindas de dentro da mata, de alguma comunidade ainda mais distante, em direção à escola da comunidade São José: riem dos índios pintados de urucum.

Quando voltam a Cruzeiro do Sul, mandam uma mensagem pela Rádio Verdes Florestas:

“Chico Gomes avisa que chegaram todos bem e agradece a hospitalidade de Dona Liliane e Seu Manduca. O Leandro também manda abraços”.

Os dois passam alguns dias em Cruzeiro do Sul e chega o tempo de Chico Gomes fazer as aplicações de Kambô. É chamado em Porto Velho, Leandro pensa em ir junto até lá, mas Chico o convida a ir mais longe:

- Por que não vem comigo até São Paulo, vamos aplicar o kambô, preciso de um auxiliar, alguém que faça o trabalho que aqui fazem a Josete e a Renilda.

Leandro sente aquele comichão de viajante: o vento varre o pensamento. Tinha planos, mas decide mudá-los, pois será uma oportunidade única:

- Topo, vam'borá!

A Expedição Kambô

No aeroporto de Cruzeiro do Sul surge a idéia de se fazer um trabalho sobre o Kambô, para que as pessoas conheçam mais sobre esta misteriosa vacina que muitos já chamam de medicina alternativa e que tem feito bem a tanta gente. Em Rio Branco, um avião da FAB e uma linha de policiais federais, armados com fuzis:

- Será o Hildebrando?

E não é que era ele mesmo! Mãos algemadas na frente, camisa branca e calça social, e aquela cara feia.

No aeroporto está o Murad, ele está sempre no aeroporto. Acho que é o mais perto que ele pode ficar de Cruzeiro do Sul aqui em Rio Branco.

Num bairro afastado de Rio Branco, as pessoas vivem em casas como as dos seringais, sobre paus, só que é muito mais gente morando junto. Lá moram uma cunhada de Chico Gomes e em outra casa o irmão mais velho, Alpiano. Estendem as

redes na sala, está fazendo frio em Rio Branco, por causa de uma dessas *friagens*⁴⁷. Não tendo televisão, o jeito é conversar. *A mais velha*⁴⁸ vê o chapéu boliviano:

- Quero me casar com um boliviano, mas um de verdade, ou peruano.

Leandro lembra que quando esteve lá eles também se interessavam pelas brasileiras:

- Então é fácil porque eles também querem casar com brasileira, acham bonitas, *calientes*, as brasileiras. Mas vai devagar, muitos também acham as brasileiras sem-vergonhas.

De manhã os dois partem pelo bairro em direção à casa de Alpiano. O velho Pajé tem os olhos miúdos de índio, com seus setenta anos e um aperto de mão de quebrar os ossos. Shimbam aplica no irmão, onze pontos. Ele vai para a rede e de lá vomita no chão mesmo, depois, é só *baldear*⁴⁹.

Alpiano, fora Pajé entre os Katukinas e fez uma viagem a pé de Cruzeiro do Sul a Rio Branco que levou um ano. Ele conta que no tempo dos Katukinas, o conhecimento de cada planta e sua utilidade era conseguido também através de troca, por um presente ou então por outro conhecimento, mas agora lhe pedem que ensine isto, ensine aquilo, mas ele não ensina, não.

Pronto, já tá de pé. Shimbam aplica também nos sobrinhos e nas mulheres destes, um que quer parar de beber, outra tá meio assim: de panema com a vida. Aplica em umas sete pessoas, a maioria de graça mesmo.

Em Porto Velho, no dia 12 de novembro, é aniversário do seu Braga, velho amigo. As portas se abrem aos viajantes que vêm trazendo saúde e esperança. Trinta e cinco pessoas recebem a vacina nos cinco dias que estes ficam lá, a maioria já a conhece bem o Kambô. A frequência dos surtos de epilepsia de Rossana tem diminuído a cada aplicação do Kambô. Dona Marinete quer arrumar um companheiro:

- Será que dá certo, seu Chico?

- Olha, esse meu amigo aqui já viu que dá certo!

- Que Deus te ouça!

Arley está com um pouco de dor de cabeça, porque quando o fígado não está funcionando muito legal, é o que lhe acontece, mas sempre que toma a vacina, sente uma melhora. Paulo sente uma ativação da corrente sanguínea e uma maior disposição nos dias que seguem.

Cuiabá recebe-os bem, logo chegam e já têm casa para ficar. Perguntam ao mais moço:

- E você, é filho dele?

- Não, discípulo!

Quem já tomou se sente grato pela melhora, mas quem não conhece quer conhecer. Aplicam em cerca de cinquenta pessoas, para os mais variados problemas, mas a maioria para fortalecimento mesmo. Um rapaz portador de HIV também o toma, e sente com isto uma maior disposição. Outro toma para reforçar a sua masculinidade e também obtém uma melhora neste sentido.

⁴⁷ **Friagens:** frentes frias vindas do sul ou das cordilheiras dos Andes que atravessam longas distâncias pelas margens dos rios e que surpreendem com a brusca queda de temperatura.

⁴⁸ *A mais velha:* Subentende-se, a **filha mais velha**. Fala regional.

⁴⁹ **Baldear:** jogar um balde de água. É o modo mais comum de se fazer a limpeza nas casas, que por serem de palafitas não encharcam.

Cuiabá, encontro de dois Brasis, que coexistem e se comunicam. Um Brasil bem caboclo, simples e regional, das modas de viola, dos cavalos e cavaleiros do cerrado e também um Brasil urbano, mais parecido com a realidade dos grandes centros como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Lá já se ouve a expressão Medicina Holística, para explicar o efeito do Kambô.

Luís é descendente de japoneses, casado com Darlene, índia da tribo dos Bakairi⁵⁰ do Mato Grosso; para ele o Kambô é como uma estimulação dos principais pontos da acupuntura.

Muitos pensam que Miguel é índio, talvez seja mesmo de coração. A pele morena, cabelos longos, e as feições de índio vêm do pai boliviano. Por escolha vive na Chapada dos Guimarães. Artista, produz quadros de paisagens do Cerrado, busca a ancestralidade do homem. O homem é natural, só precisa se lembrar disto. Participa de um grupo que faz pintura corporal para buscar o guia animal dentro de si, a sabedoria desta ancestralidade. Quando o Homem ainda era criança no mundo, não sabia andar, pescar ou caçar. Sua pele fina não o protegia dos insetos como o couro dos animais antigos, pois quando o Homem surgiu, tudo o mais já estava criado. Então o Criador pediu aos animais que adotassem aquela frágil figura humana, ensinando-lhe o que sabiam. Por isso o animal é o professor do homem. E cada animal ensinou o que sabia: o Urso ensinou a andar, o Lobo, a caçar, o Falcão a olhar para além dos horizontes e o Cavalo então, encurtou as distâncias para o Homem, tudo a pedido do Criador. Isto ensina o *xamanismo*⁵¹ dos índios da América do Norte, dos Sioux, por exemplo.

O Kung Fu chinês recria os movimentos dos animais. Estudando com paciência e dedicação o comportamento deles, se chega a uma sabedoria. Da janela do mosteiro, o monge observava como a aparentemente frágil garça desviava-se dos ataques de uma doninha. Até que, quando a doninha viu-se exaurida de suas forças, deu a oportunidade para o único golpe desferido pela garça, que cega e mata a doninha. Cada animal tem seu jeito e cada ser humano tem sua personalidade. Para ser feliz e bem-sucedido na vida é preciso conhecer este animal. Dizem que seu Chico é *Xamã*. E o que é Xamã, pergunta ele. Xamã é um tipo de médico, que conhece a Força da Natureza. É quem chama a coisa boa, porque sabe o nome dela e sabe de onde vem.

.....

O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma.

*O ninho de passarim,
ovinho de passarinhar:
se eu não gostar de mim,
quem mais é que vai gostar?*

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira - 16ª ed, pgs. 136 e 138.

.....

⁵⁰ **Bakairi**, pertencentes ao tronco lingüístico caribe estão localizados no Mato Grosso, pop. 570. Fonte: Banco de Dados do Programa Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental.

⁵¹ **Xamanismo**: O nome provém das práticas místicas-religiosas dos índios norte-americanos e da sua compreensão mágica do mundo, mas é igualmente utilizado por antropólogos para definir as práticas dos índios sul-americanos.

As longas estradas servem aos viajantes para o reencontro, para colocar as experiências em dia. Assim, diferentes visões de mundo passam a se entender, se completar. Afiando as diversas compreensões a respeito da vida, peneirando os acontecimentos para que sirvam de lição. *A saúde deve ser cuidada também a partir do pensamento.* Muita doença começa pelo pensamento. E mesmo que se esteja doente de fato, não se deve pensar como doente, se entregar. É preciso resistir, e a melhor maneira de resistir é alegrar-se. A alegria é a saúde do espírito, e mesmo o mais doente não pode ser privado desta saúde.

Uberlândia é considerada, para quem vai do sul para o norte, o portal do Cerrado. Para quem está indo ao sul, é também um marco final desta paisagem e início daquela que definitivamente caracteriza o Brasil Sul e Sudeste. Os viajantes passam o dia andando no parque estadual de Uberlândia, pois não há ninguém para receber as aplicações, então têm de esperar o ônibus para São Paulo. Açam sem graça os animais presos no parque, animais do cerrado brasileiro como a irara, o gato selvagem, araras, tucanos e outros tantos, vivendo naquele aperto.

Chegam em São Paulo. Alheios à agitação da cidade, caminham nela trazendo uma mensagem da Floresta, para fazer os cidadãos lembrarem dela, mesmo os que não a conhecem. As pessoas se queixam mais do estresse, da falta de sono, uma certa fraqueza que as abate num tipo diferente de panema urbanóide. Por dias seguidos aplicam a vacina nos paulistanos, e as reações são as mais extremadas: vômitos, caganeiras e aqui são mais freqüentes os desmaios. Teve até quem chamou pela mãe, mas que também conseguiu parar de fumar. Em Campinas fazem dois dias de aplicação, alguns são doutores da Unicamp, como o psiquiatra Dr. Mauro. O efeito generalizado da vacina no organismo chama a atenção. Os doutores também estão mais abertos ao novo, ao diferente.

Junta-se a eles o amigo David, e partem em direção ao Sul de Minas Gerais. Chico Gomes faz questão da parada em Pocinhos do Rio Verde onde mora o amigo Mário Piacentini, um dos maiores entusiastas da vacina. Ele mesmo se recuperou de um estado de saúde já considerado crítico pelos médicos. Mário nasceu em Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, viveu em São Paulo muitos anos e agora mora em Pocinhos. A esposa Regina é de Caldas, Minas Gerais, e por isso, considera-se agora mineiro. É um senhor com tamanha disposição e alegria que surpreende os mais jovens.

Alguns anos atrás, quem estava mal era Chico. Num abraço, Mário sentiu ser a sua despedida de Chico Gomes: o amigo estava que era somente pele e ossos. Uma operação no estômago em São Paulo deixou-o num estado de saúde muito debilitado. O Kambô, as ervas e plantas medicinais não livraram Chico da necessidade da operação, mas reabilitaram-no em tempo anterior ao previsto pelos médicos, quando na verdade muitos consideravam pequenas suas chances de recuperação.

Pocinhos do Rio Verde é uma cidade de repouso e recuperação. Tem gente que vem para se banhar em suas águas sulfurosas e radiativas e acaba ficando. Aline trabalhava no departamento de marketing da editora Abril. Ganhava bem, mas o excesso de trabalho afastou-a do mais importante: o prazer de viver. Vivia estressada, sem tempo para si, sem paciência. Colhe nos campos da região as ervas aromáticas que são hoje o material de seu trabalho. Estuda as plantas conhecendo a melhor Lua para colher, a melhor maneira de conservar o aroma da planta, a sua essência. Deste material faz travesseiros aromáticos com propriedades terapêuticas. Servem para curar insônia e dor de cabeça. As paredes de sua casinha estão repletas de plantas que perfumam o ambiente. Lá dentro se respira tranqüilidade, harmonia.

A admiração pela Natureza que tem a curitibana Aline é num código diferente da admiração que tem o amazonense Chico, mas neste encontro, estas visões se traduzem, se completam, ficando a admiração também de um pelo outro, pelo ser humano, pela caminhada de cada um: dos que estão trabalhando e dando de si para dar mais sentido a esta caminhada, para que nela se encontre o que é verdadeiro.

Na cidade de Camanducaia também aplicam o Kambô em cerca de cinquenta pessoas. Alguns deles são ex-viciados em drogas injetáveis às quais o Kambô propicia uma melhora sensível no estado de saúde. De volta a Campinas, fazem mais um dia de aplicações e de lá vão ainda a um sítio em Santa Isabel, onde o Dr. Wilson, psiquiatra, usando métodos não convencionais, cuida de pacientes: ex-alcoólatras, ex-viciados, depressivos e também moradores de rua. Rituais indígenas como o “Te Mascal”, um tipo de sauna de origem indígena peruana que provoca uma purificação do organismo pelo suor, serve também para integrar o grupo.

O médico utiliza também certas terapias ocupacionais e conhece o uso da fitoterapia. O Kambô lhe chamou a atenção da primeira vez que David lhe falou a respeito, por isto convidou Chico Gomes para uma sessão de aplicações no seu sítio. O resultado é bem positivo, dada própria reação dos pacientes: sentem uma limpeza no organismo e também uma limpeza no que chamam de astral.

De volta a São Paulo, aplicam ainda em Sirlei. Sirlei é evangélica, da Congregação Cristã do Brasil e primeiro pensa que seu Chico é um tipo de curandeiro-rezador. Mas quando vê o Kambô e conversa com o seu Chico, fica óbvio que se trata de um medicamento mesmo, natural e muito poderoso. Ela sofre de um problema circulatório nas pernas, o que lhe causa dor a ponto de impedi-la de dormir normalmente. Ela só consegue dormir usando um torniquete para impedir a circulação. Sua primeira reação ao tomar o Kambô é justamente dormir durante uns cinco minutos. Mesmo depois de passados cinco meses da primeira aplicação, nunca mais sentiu aquelas dores. Até hoje espera a volta de seu Francisco, e sente gratidão por ter recebido a vacina. O efeito positivo fez com que Sirlei comentasse com uma vizinha amiga sua.

Dona Maria Bastregghi é uma mulher forte, com seus setenta anos, ombros fortes, passos firmes e lúcida. Mas sofre de câncer e tem as mãos semi-paralisadas, por problema circulatório. Nunca ouviu falar de medicina holística e faz pouca idéia de onde fique o Acre. Sua história é de uma mulher que viveu boa parte de sua vida no interior de São Paulo, trabalhando nas roças de milho e café. Ela e seu marido, seu Orlando, vivem em uma casa modesta e bem cuidada no Jardim Colorado, na periferia da Zona Leste de São Paulo.

Muito fortes os dois, estão *cercados* do lado de baixo da rua pelos traficantes de drogas e em cima pela avenida Aricanduva. Quando vieram morar lá, foi o seu Orlando quem abriu a rua com enxada para entrar os caminhões e a casa foi ele mesmo quem fez. Se pudessem voltavam para o interior, para aquele tempo em que não se usava óleo, e sim a banha de porco. Fritava-se a carne e punha na banha, o mesmo se fazia com o feijão. Seu Orlando era quem aplicava injeção nas pessoas das fazendas: o fazendeiro o chamava e ele então ia de carroça. O médico receitava, mas quem aplicava era ele. A seringa era de vidro e tudo ia num estojo de metal, preso com uma borracha. Quando era urgente ia a cavalo mesmo, mais rápido. Tinha de esterilizar a agulha com álcool e fogo, bem melhor a descartável de hoje. Antigamente entre Campinas e São Paulo morava muita gente. Era tudo roça plantada, onde hoje é só indústria e pasto. São Paulo é uma cidade que não os entende mais, e que eles não entendem. Mas a mocinha do caixa no banco sempre atende o seu Orlando, mesmo fora de horário reservado aos aposentados. Dona Maria conhece muitos médicos, pois três vezes por semana vai até o Hospital das Clínicas de jejum, e lá aguarda paciente,

na fila, pela sua hora. Os exames pedidos são muitos, a começar pela tomografia, muito necessária para quem trata de câncer com quimioterapia.

O tratamento contra o câncer tem dado bons resultados, conforme indicam os exames, mas nas suas mãos os médicos nunca deram um jeito. Imediatamente após a inoculação do Kambô, suas mãos de cor arroxeadas mudam para uma coloração vermelha, depois branca, e os movimentos voltam normalmente. *Olha só! Esse dedinho eu nem mexia!* Uma dose que faria pessoas mais novas que ela desmaiarem, nela só aumentou a circulação. Aquela imobilidade nas mãos nunca mais voltou.

Ainda passariam em Ilhéus, mas no final de ano as passagens estão esgotadas, então partem em direção a Goiânia e de lá vão para Porto Velho. A estrada é longa e os viajantes já estão cansados, anseiam o retorno a Cruzeiro do Sul, sonhando com uma rede e uma tigela de açaí. No ônibus para Porto Velho, o ar condicionado só esfria a parte de trás do carro: enquanto os passageiros da frente pedem ao motorista que aumente o ar, os de trás vão congelando. De Porto Velho partem direto para Rio Branco e lá chegando pegam o primeiro voo possível para Cruzeiro do Sul. A viagem chega ao fim no dia 24 de dezembro de 1999, véspera do Natal. Não há grandes festas e comilanças como no sul, nada de pernil ou frutas natalinas, mas tem açaí, castanha do Acre e *Pirarucu de Casaca*⁵². O clima da chegada é muito bom para os viajantes, Leandro agora não é mais um estrangeiro, já é quase cruzeirense. Até o Dia de Reis é descanso, e depois começa o ano de trabalho mesmo. Nestes dias, Shimbam reúne as crianças do Sítio Diamante para dançar o mereré, como fazia no tempo dos Katukinas. Com o *olho* do buriti se fazem as roupas dos índios: colar, pulseira, braceleira, gravata, tornozeleira e aquele tipo de saia que os índios usam nos dias de festa. Para si mesmo faz da palha da palmeira, um cocar. As crianças dançam em roda e o Tuxaua tem de correr atrás delas, fazendo de conta que vai flechar.

Flecha Certa

O assunto na família Gomes agora é a Moça que está em Manaus estudando e que vai chegar, só falam nela. Leandro com suspeita de que esta Moça deve ser muito é *arrebitada*. Quando ela chega, ele não quer nem saber, quando falam dela, se faz de surdo. Querendo conhecer, finge não querer. Mas a Moça já está lá e se aproxima: chega, faz amizade: quer conhecer o amigo do Pai. Vão assim aos poucos fazendo amizade. Um dia na rede, bate aquela vontade de ver a Moça, mas tá difícil de chegar perto, cercada de cuidados, da mãe, da irmã e da sobrinha. Quem quebra o cerco é ela mesmo, corajosa. Só amizade por enquanto, dentro o que sentem, cada um é que sabe. Shimbam vai viajar de novo, pois é chamado em Goiânia e São Paulo, mas desta vez Leandro não vai porque está construindo sua casa. *Sumaiá* flecha o coração de *Abirunã*⁵³: faz com palavras o que os Katukinas faziam com fogo, que é para ver se gosta mesmo. *Abirunã* continua, resiste, mas às vezes também chora, escondido, só para ele e para Deus. Até que um dia, vence a harmonia. Um dia vão ao Igarapé, lavar louça, e Leandro conhece então mais de perto a história daquela família que se fez com

⁵² **Pirarucu de Casaca:** Prato típico feito a partir do Pirarucu, peixe dos rios amazônicos, salgado de modo semelhante ao bacalhau, coberto com banana comprida frita.

⁵³ **Sumaiá, Abirunã:** Respectivamente Moça e Moço na linguagem katukina.

trabalho duro e muito amor no coração. Dos dias difíceis que os levaram a Cruzeiro do Sul, e dos primeiros anos, lutando pelo direito à terra.

É chegada a hora de Leandro voltar porque sua Orientadora na Faculdade já o chamou de volta. O choro é antecipado em todos. Shimbam retorna no dia 27 de março: *Airakei!* Abraçam-se, Leandro vai embora no dia seguinte, precisa terminar o que começou para dar início a sua nova vida. Parte com a saudade das pessoas que tanto o ensinaram e que aprendeu a amar. Talvez tenha deixado saudades também...

O kambô hoje

Muita coisa já se passou desde aqueles primeiros tempos. Tempos marcados por uma certa inocência de quem busca um caminho e se agarra a qualquer lampejo de luz. Shimbam morreu. Seu processo de morte me fez reavaliar muito daquilo que antes acreditava. Vítima de um câncer no pâncreas, não houve medicina alternativa ou oficial que pudesse interromper o processo da doença.

Meses depois de sua passagem, estava ainda bastante cabisbaixo quando me encontrei com um neto de Shimbam, justamente Genildo que descrevo no texto original como aquele que capturava as rãs para o avô. Ele me contou que pouco antes da sua morte, Shimbam havia lhe conferido todo o seu instrumental de aplicação do kambô. Com isso, ele continuava a fazer as aplicações em pessoas que muitas vezes vinham de longe para receber a vacina e se deparavam com a notícia.

Um destes ‘pacientes’ era justamente um médico. De posse do ceticismo que tão bem caracteriza a classe, o médico questionou a eficácia da medicina da rã: “se é tão bom, porque seu avô morreu?”. E o rapaz, na época com menos de vinte anos, respondeu: “se fosse assim, médico também não morria”.

A lógica, por mais simplória, tem o seu fundamento. O pai de Shimbam também havia morrido da mesma forma, ou seja, provavelmente ele já tinha uma predisposição genética para desenvolver a doença. Conversando com seus familiares, eles também me confiaram que durante prolongados meses todos passavam fome, se alimentando às vezes das famigeradas “conservas”: venenosos enlatados que passam meses em uma balsa até chegar às mesas dos pobres seringueiros e agricultores do Juruá.

Por maiores que fossem os conhecimentos e a sabedoria do velho seringueiro, não foram suficientes para evitar que ele e sua família passassem fome. Contam também seus familiares que durante os períodos de “vacas magras”, a base de alimentação eram carcaças de boi que alguns políticos costumavam levar para serem raspados e comidos com farinha em troca do voto da família em tempo de eleição. Tudo isso, somado aos problemas emocionais que se avolumam nos tempos de crise econômica, pode ter contribuído para aquilo que na época se julgou uma infeliz fatalidade.

É bem verdade também que depois do primeiro diagnóstico, a medicina lhe conferiu poucos meses de vida, e ainda depois disso, fazendo uso do kambô e de toda medicina que conhecia, Shimbam ainda viveu seis longos anos, com vitalidade e aparência joviais.

O uso do kambô por Shimbam e seus familiares mostrou de maneira empírica, que ele é eficaz para o tratamento de problemas circulatórios e digestivos (gastrites), aumenta a resistência do organismo a doenças e pode em alguns casos resolver problemas de fertilidade masculina e feminina.

Atualmente a pesquisa científica sobre o kambô avança rapidamente. Pelo menos duas propriedades descritas durante as aplicações já foram comprovadas e isoladas. Trata-se da deltorfina e da dermorfina. O primeiro tem aplicação na prevenção

de derrames cerebrais, justamente um problema relacionado à micro-circulação cerebral. Já a dermorfina, deve seu nome de batismo a junção entre as palavras *dermo* (pele) e morfina, uma dos mais poderosos analgésicos já estudados. Esta substância teria um papel na sensação de bem-estar que se segue às aplicações.

Apesar da pesquisa científica comprovar as qualidades terapêuticas do Kambô através de parâmetros físicos químicos e biológicos, ela se distancia do aspecto cultural e “mágico” da vacina.

Podemos dizer que estudar a vacina pela vertente cultural e empírica é uma outra “viagem”. Ao conhecer os aspectos culturais que levam os katukinas e outros povos a utilizar a vacina, começamos a compreender que existem mais conexões entre o nosso corpo físico, as emoções e o mundo exterior do que imagina a nossa vã filosofia. Acredito que aí reside o principal mérito do kambô e das outras medicinas tidas como “alternativas”.

Segundo minha compreensão pessoal, o kambô tem o poder e a capacidade de nos reintegrar com o todo. O nível em que se dá esta reintegração já é tema para outra discussão. Mas o fato é que ao tomar kambô, emoções aprisionadas, bloqueios sentimentais, e nossos medos mais profundos vêm à tona, como se de repente fosse aberto o baú onde escondemos tudo aquilo que acreditamos que não nos convém. O resultado é um processo de expurgo físico e emocional que ao final nos dá a sensação de leveza e bem-estar. A parte complementar ao tratamento do kambô é um processo pela qual nos tornamos mais conscientes e mais responsáveis pela nossa saúde.

O Nascimento da AJUREMA

Após a *passagem* de Shimbam, seus familiares, sentiram a necessidade de fazer algo para que ao menos parte dos seus conhecimentos pudessem ser preservados e os trabalhos pudessem ter uma continuidade.

Por outro lado, aumentava sensivelmente a cada dia, ao assédio de pessoas que queriam aprender a aplicar a vacina, ou autorização para estudos, além de antigos pacientes que passaram a colher e aplicar a vacina

Desta maneira, em uma reunião em que estavam presentes filhos e netos do velho Mestre, decidiu-se pela criação de uma associação, que pudesse fornecer o corpo jurídico da organização familiar. Em abril do mesmo, ano uma reunião contou com a presença de treze familiares de Shimbam, entre filhos, netos, noras e genros. O número não era suficiente portanto para que fosse criada uma associação.

Na época já pensava num nome que se associasse à palavra Jurema, que para mim é sinônimo das forças espirituais da floresta. O nome havia sido sugerido de maneira intuitiva durante algumas caminhadas na Floresta. Assim, juntando fonemas de Juruá e Medicina Alternativa, recriei a palavra através de uma sigla: Associação Juruense de Extrativismo e Medicina Alternativa, ou AJUREMA.

Devido ao número inferior ao necessário de sócios passamos a buscar pessoas que pudessem apoiar. A tarefa de encontrar apoiadores foi a que posteriormente nos deu maiores dores de cabeça. Pois, obviamente os interesses de quem se entende por *herdeiro* de um determinado conhecimento é muito diferente de quem pretende adquirí-lo.

A AJUREMA nasceu de um parto difícil, na prática, o grupo que efetivamente trabalhou para que a instituição se tornasse realidade era demasiado pequeno, a grande maioria dos sócios, necessários para formar o corpo da instituição, ou se demonstrava apática, ou simplesmente desejava aplicar o kambô, com o aval da associação. Paralelo a isto, a AJUREMA passou atuar em duas frentes distintas e quase opostas entre si: por um lado desejávamos a expansão da medicina nos grandes centros, no mesmo espírito de

Shimbam, levar a cura para quem precisasse. Em outra frente levantamos a discussão da repartição do benefício. Os primeiros diálogos foram tratados com o núcleo do IMAC (Instituto de Meio Ambiente do Acre) em Cruzeiro do Sul. Queríamos encontrar uma forma de repartir os benefícios com os katukinas, fonte reconhecida do conhecimento *herdado*. No entanto, logo os entraves se revelaram: os katukinas recebiam atenção especial por conta do Plano Mitigatório da BR 364 e isso poderia gerar conflitos entre as outras etnias que também fazem uso da vacina. E mais, havia entre nós a sincera dúvida de que o recurso fosse mal aplicado, investindo na própria destruição dos índios através do alcoolismo.

Deste modo, decidimos fazer um investimento silencioso: passamos a apoiar a realização das pajelanças que na época, andavam meio em desuso. Notamos que havia falta de chacrona para a preparação da *ayahuasca*, então passamos a sistematicamente produzir mudas e ensinar algumas técnicas de produção que conhecíamos. É claro que houveram também outras contribuições, como por exemplo, dos agentes agro-florestais, mas o fato é que pelo menos, um dos *aromayá* passou a cultivar as plantas em uma escala que antes não existia.

A expansão do kambô nas grandes cidades gerou outras série de grandes dores de cabeça. O problema ético com a cobrança da aplicação estava na raiz de todos eles.

Herdeiros

Genildo dos Santos Muniz, então com dezenove anos, passou a exercer o antigo trabalho do avô. Apesar da tenra idade, Genildo logo demonstrou o conhecimento necessário para a aplicação da vacina. Ele conhecia desde criança, as diferentes fase do kambô e os métodos para pegá-lo. Não caiu de pára-quadras. O trabalho de aplicação que antes da morte do seu avô era feito sob a supervisão deste, passou a ser executado com maestria depois. Mão leve, porém firme, sabe fazer as incisões sem provocar queimaduras desnecessariamente doloridas. Aspectos externos são observados, limpeza pessoal e organização do material. No entanto, os maiores segredos estão do lado de dentro. Isto porque durante a aplicação, “agente” e “paciente” compartilham uma experiência muito forte. Há uma morte e um renascimento, um encontro do “Eu” com a sua sombra, causadora de doenças e desconfortos.

A técnica de aplicação de kambô é muito simples, até uma criança pode aprender. Muitos assim acreditando usavam a vacina desta maneira. No entanto, saber transmitir confiança, profundidade, esperança, ou se quiser dizer apenas: “sorte”, isto não é para qualquer um. Até mesmo Genildo, muitas vezes tem que parar de aplicar para poder olhar para dentro de si, saber o que está transmitindo para os outros, e o que está captando também. Apesar da idade, muita gente tem confiado no trabalho de Genildo o que lhe tem rendido uma série de convites para trabalhar em clínicas e Spas. A sua vocação lhe rendeu um problema: precisa viajar para sobreviver. Assim como um boto que vive no rio, mas precisa subir à superfície para respirar, o neto de Shimbam tem que voltar á Floresta. Caso contrário, começa a padecer: tristeza, depressão, gripes incômodas e duradouras. Quando isso acontece, Genildo já sabe: é hora de voltar, arruma suas malas e parte orientado pelo Cruzeiro do Sul. Quando chega, passa às vezes dias na Floresta, estudando a si mesmo e à natureza. Com auxílio da *Ayahuasca*, mergulha dentro de si para desatar os nós a que todos estamos sujeitos. Então depois de beber da fonte, passa mais alguns meses, dando atenção às suas filhas, capinando, ajudando seu pai no roçado, cultivando plantas medicinais, colhendo kambô. Depois, quando cessam as chuvas e as estradas abrem, sai de novo pelos longos caminhos do Brasil, cumprindo a mesma vocação de seu avô.

Outros dois filhos de Shimbam, trabalham na aplicação do Kambô. José Francisco da Silva Gomes, de 35 anos é um deles. José tem uma história curiosa. Segundo sua mãe, Dona Davina, ele nasceu dentro da aldeia katukina, no rio Liberdade, com o parto auxiliado por uma índia. Conta sua mãe também que José aprendeu a falar primeiro alguns vocábulos simples da língua katukina, para depois, mais tarde, aprender o português. Depois, José cresceu e se distanciou física e culturalmente dos índios. Depois da morte do seu pai, José passou também a aplicar o kambô e a visitar grandes centros do país. Nestes locais, passou a ser identificado como indígena, embora sempre soubesse explicar que era mestiço. Todavia, a experiência de aplicar o kambô reacendeu algo de indígena em José, hoje, muitas vezes ele responde como sendo realmente indígena. E conhecendo um pouco de sua história, não chego a duvidar. As longas viagens de José pelo país fizeram com que sua esposa, Emília se tornasse a primeira mulher da família a aplicar o kambô. Com isso, muitas mulheres que tinham receio ou vergonha de tomar a vacina com um homem, passaram a confiar no trabalho de Emília.

O outro filho é o caçula, Ivanir da Silva Gomes. Ivanir desde cedo acompanhou o pai nas colheitas e aplicações do Kambô. No entanto, Ivanir não se sente a vontade para viajar como aplicador, mesmo assim, faz o trabalho. Aplicar kambô para Ivanir é algo que faz parte da sua rotina. Ivanir gosta mesmo de plantar e cultivar mudas de árvores frutíferas. Nas horas vagas sua dedicação é no artesanato em madeira, onde faz rústicas cadeiras e bancos. Nas ocasiões oportunas, também busca a rã verde, sem modificar seu padrão de vida, Ivanir continua fazendo o que o seu pai fazia.

Este pequeno grupo tem ao mesmo tempo, mantido a tradição e estudado novas formas de aplicação. O contexto cultural que varia em cada lugar, faz com que surjam novas e surpreendentes interpretações para esta medicina ancestral. A associação do uso da vacina ao termo “xamanismo”, no meu entender não é de todo impróprio. Originalmente o kambô é um remédio de caçador, e não de pajé. Está ligado mais ao conceito de “sorte” do que propriamente de saúde. No entanto, dentro de uma concepção holística, o que de fato é a “sorte”? Ela bem pode ser traduzida como uma visão integrada e harmoniosa do todo, que confere ao caçador a capacidade de encontrar aquilo que veio buscar. Deste modo, os conceitos de “sorte” e “saúde” em uma visão integral, se interpenetram, sendo na verdade dois atributos de uma mesma realidade: a integração do Ser com o Cosmo.

Leandro Altheman Lopes

*O caboclo entoava seu canto
Elevando a sua oração
Raça brava de fé e de força
Alimento do seu coração
Tem os olhos mirando no céu
E os pés firmes no chão*

*Não tem nome importante
Mas tem grande valor
Sua crença é constante
Sua palavra é o amor*

*Canta caboclo, canta
Que o mal espanta
E reina a Paz*

*Canta caboclo canta
Que o mundo encanta
E canta mais*

*Povo bravo de brio e beleza
Ecoando pro mundo ouvir
Traz no canto a simplicidade
Exaltando o que tem que existir
Derrubando as grandes barreiras que têm que cair*

*Armadura cabocla
Pássaro cantador
É escravo do mundo mas de si mesmo é senhor*